

**Universidade Federal da Integração Latino-Americana  
Instituto Latino-Americano de Tecnologia Infraestrutura e Território (ILATIT)  
Licenciatura em Geografia**

**História das Cidades e o Processo de Urbanização em Foz do Iguaçu-PR**

**RITA DE CASSIA FONSECA GOMES DE MELO**

Foz do Iguaçu  
2024

# **História das Cidades e o Processo de Urbanização em Foz do Iguaçu-PR**

**RITA DE CASSIA FONSECA GOMES DE MELO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Trevisan.

Foz do Iguaçu  
2024

# **História das Cidades e o Processo de Urbanização em Foz do Iguaçu-PR**

RITA DE CASSIA FONSECA GOMES DE MELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

## **BANCA EXAMINADORA**

Orientador: Prof. Dr. Leandro Trevisan  
UNILA

Prof. Dra. Léia Aparecida Veiga  
UNILA

Prof. Dra. Juliana Rammé  
UNILA

Autorizo a divulgação ou reprodução total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

MELO, Rita de Cassia Fonseca Gomes de. História das Cidades e o Processo de Urbanização em Foz do Iguaçu-PR. Rita De Cassia Fonseca Gomes de Melo; Leandro Trevisan (orientador).- Foz do Iguaçu, PR : ILA-TIT, 2024.

60 f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Latino-Americano de Tecnologia Infraestrutura e Território – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2024).

1.Cidades. 2.Período Pré-cabralino.3.Período pré-colombiano. 4.Turismo. 5.Urbanização. 5. Foz do Iguaçu.

Foz do Iguaçu  
2024

## RESUMO

O presente trabalho trata da historiografia das cidades, desde os primeiros aglomerados, passando para vilas e constituindo cidades. Foi na Mesopotâmia o primeiro berço civilizatório, a partir deste ponto, outras cidades foram se formando. No período da Idade Média, há um “apagamento” das cidades, no entanto, o Renascimento, foi o esplendor das cidades, e das grandes conquistas além-mar, o Novo Mundo, uma disputa entre Portugal e Espanha das novas terras encontradas. Antes da chegada dos portugueses e dos espanhóis, há uma pré-história nas Américas. Com o processo de colonização dá-se o período de urbanização nas colônias espanholas e portuguesa. O Processo de industrialização intensifica a Urbanização das cidades fazendo estas competirem umas com as outras. Neste processo, a cidade de Foz do Iguaçu, no extremo oeste do Paraná, está incluída neste contexto, com seu complexo turístico e sua urbanização.

Palavras-chaves: Cidades. Período pré-cabralino. Período pré-colombiano. Turismo. Urbanização. Foz do Iguaçu.

## **ABSTRACT**

This work deals with the historiography of cities, from the first agglomerations, passing to town and forming cities. The first cradle of civilization was in Mesopotamia, from this point on other cities were formed. In the Middle Ages period, there is an erasure of cities, however; the Renaissance, was the splendor of cities, and the great overseas conquests, the New World, a dispute between Portugal and Spain over the new lands acquired. Before the arrival of the Portuguese and the Spanish, there is prehistory in the Americas. With the colonization process comes a period of urbanization in the Portuguese colony. The industrialization process intensifies the urbanization of cities, making them compete with each other. In this process, the city of Foz do Iguaçu in the extreme west of Paraná is included in this context, with its tourist complex and urbanization.

Keywords: Cities. Cabralino Period. Pre-Columbian Period. Tourism. Urbanization. Foz do Iguaçu.

## RESUMEN

Este trabajo aborda la historiografía de las ciudades, desde las primeras aglomeraciones, pasando al pueblo y formando ciudades. La primera cuna de la civilización estuvo en Mesopotamia, a partir de este punto se formaron otras ciudades. Sin embargo, en la Edad Media se produce una desaparición de las ciudades; el Renacimiento, fue el esplendor de las ciudades, y las grandes conquistas de ultramar, el Nuevo Mundo, una disputa entre Portugal y España por las nuevas tierras adquiridas. Antes de la llegada de los portugueses y los españoles, existe prehistoria en América. Con el proceso de colonización llega un período de urbanización en la colonia portuguesa. El proceso de industrialización intensifica la urbanización de las ciudades, haciéndolas competir entre sí. En ese proceso, se incluye en este contexto la ciudad de Foz do Iguaçu, en el extremo oeste de Paraná, con su complejo turístico y urbanización.

Palabras clave: Ciudades . Período Pre-Cabralino. Período precolombino. Turismo. Urbanización. Foz de Iguaçu.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço a Deus, a minha família, meu marido e meus filhos Rafael e Gabriel. Meus pais e especial a minha irmã Henriette por toda a paciência e dedicação para alcançar mais um objetivo.

Agradeço à Unila e aos seus professores e também meus agradecimentos a professora Léia Aparecida Veiga e a Professora Juliana Rammé.

Em especial ao meu Orientador Leandro Trevisan.

*“Tenha em mente que tudo que você aprende na escola é trabalho de muitas gerações (...) receba essa herança, honre-a, acrescente a ela e, um dia, fielmente, deposite-a nas mãos de seus filhos”*  
**(Albert Einstein)**

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Prováveis Rotas do Ser Humano.....	14
Figura 2 – Evolução do Homem.....	16
Figura 3 – Pré-História do Homem.....	18
Figura 4 – Mapa da Mesopotâmia.....	20
Figura 5 – Cidade de Ur, Suméria.....	21
Figura 6 – Cidade Egípsia Deir el-Medina.....	23
Figura 7 – Traçado da Cidade Romana: cardius e decumanus.....	26
Figura 8 – Maquete da Cidade de Roma.....	27
Figura 9 – Cidade e Aldeias Medievais.....	28
Figura 10 – Cidade Ideal do Período Renascentista.....	29
Figura 11 – Fóssil de Luzia.....	32
Figura 12 – Casa Subterrânea Colonial.....	34
Figura 13 – Tesos dos Bichos, Ilha de Marajó.....	35
Figura 14 – Cidade Asteca Tenochtitlán.....	38
Figura 15 – Ruína Incas de Coquequirao.....	39
Figura 16 – Ruína Maia Palenque.....	40
Figura 17 – Fundação da Cidade de Salvador.....	43
Figura 18 – Cataratas do Iguaçu, Parque das Aves, Marco das Três Fronteiras.....	54

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO 01. ORIGEM DO HOMEM E A GÊNESE DAS CIDADES</b>	
1.1. Origem do Homem.....	14
1.2. Os Primeiros Abrigos Humanos e Revolução Neolítica.....	16
1.2.1. O Surgimento dos Primeiros Agrupamentos com Características de Cidade.....	19
1.2.2. A Civilização Egípcia.....	22
<b>CAPÍTULO 02. O AMBIENTE NA EUROPA ANTES DAS GRANDES NAVEGAÇÕES E A PRÉ-HISTÓRIA DAS AMÉRICAS</b>	
2.1. As Cidades Romanas.....	25
2.2. O Lugar da Cidade na Idade Média.....	27
2.3. Pré-História do Homem na “América Portuguesa”(período pré-cabralino) .....	30
2.4. Pré-História do Homem na “América Espanhola”(período pré-colombiano) .....	36
<b>CAPÍTULO 03. O URBANISMO COLONIAL E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO</b>	
3.1. Aspectos do Urbanismo das Cidades Coloniais Espanholas e Portuguesas na América.....	42
3.2. Processo de Urbanização do Brasil (1500 – 1930).....	47
3.3. Urbanização Corporativa (pós II guerra Mundial).....	49
3.4. O Surgimento e a Urbanização de Foz do Iguaçu.....	50
3.5. Foz do Iguaçu – Aspectos atuais.....	54
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>58</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>59</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, apresenta a historicidade da evolução das cidades.

Os objetivos geral desse trabalho é discorrer sobre o processo evolutivo das cidades ao longo do tempo até o surgimento de Foz do Iguaçu/PR. Efetuando uma contextualização histórica do surgimento das cidades, abordaremos alguns aspectos sobre as cidades europeias, as civilizações pré-cabralinas e pré-colombianas. Na sequência, discorreremos sobre a urbanização de Foz do Iguaçu-PR, com ênfase nos aspectos do turismo.

Assim buscaremos discorrer sobre os primórdios do Homem na terra, como nômades, a procura de abrigo, a sedentarização, com a prática da agricultura e da criação de gado, a constituição dos primeiros aglomerados, com característica de aldeias, vilas e, em seguida, o surgimento e evolução das cidades (a partir da Mesopotâmia).

As cidades romanas vão ser bem estruturadas, com ruas planejadas e levam essa urbanização para além de suas fronteiras, tendo a sua cultura assimilada pelos Turcos Otomanos.

A Idade Média, ou o período das trevas, ocorre devido à queda do Império Romano do Ocidente (a partir das invasões bárbaras), e sucessivas guerras, e a volta da população para o campo; neste período as cidades são “esquecidas”, e não tem a importância de antes.

Depois desse período há o Renascimento, das artes, das culturas, da arquitetura, da construção das cidades; há ainda, uma grande necessidade de procurar novas rotas para o comércio com as Índias. Surgem então as grandes navegações lideradas por Portugal e Espanha, as grandes potências náuticas da época.

Antes dos portugueses e espanhóis chegarem ao novo continente, as Américas, sua em pré-história, ou seja, os primórdios da formação de uma civilização, ficou conhecido como período Pré-cabralino do lado de Portugal e do lado espanhol conhecido como Pré-colombiano, destacando-se as civilizações incas, maias e astecas, com suas formações de cidades e sua urbanização.

Com a ocupação já estabelecida e a divisão territorial delimitada pelo tratado de Tordesilhas, Portugal inicia as primeiras tentativas de colonizar o território, com

as capitanias hereditárias, depois com as fundações de vilas e a elevação das vilas em cidades.

As cidades sofreram influência urbanística tanto do lado espanhol como do lado português, com suas ruas na forma de um tabuleiro de xadrez ou acompanhando o formato do relevo, respectivamente.

Segundo Santos (1991, p.12) “as relações do homem com a natureza passam por uma reviravolta, graças aos formidáveis meios colocados à disposição do primeiro”.

Vale destacar que, mais tarde, a Revolução Industrial, ocorrida na Europa no século XVIII, pode ser entendida como um marco do processo de urbanização da sociedade em escala mundial (ainda que com ritmos e formas distintas).

O processo de urbanização do Brasil foi rápida se comparado com a Europa; No Brasil o processo de industrialização ocorreu de forma gradual a partir das primeiras décadas do século XX. Mais tarde as cidades passariam a competir umas com as outras pela atração de investimentos.

O oeste do Paraná, por sua localização estratégica e potencial agrícola atraiu imigrantes asiáticos e europeus; assim, deu-se início a ocupação do território, onde mais tarde surgiria a cidade de Foz do Iguaçu, efetivando a sua colonização pela implantação da Vila Militar.

Hoje, Foz do Iguaçu, faz parte da Tríplice Fronteira, isto é, tem seu território nos limites com a Argentina e Paraguai e é conhecida pelo forte atrativo turístico, Cataratas, (Parque Nacional), Usina hidrelétrica de Itaipu, integrante as várias redes de hotelaria, formando seu complexo turístico.

Neste trabalho efetuamos uma revisão da bibliografia existente, fazendo um levantamento histórico das cidades antigas, assim como da cidade de Foz do Iguaçu, recorrendo a sites oficiais como o da prefeitura de Foz do Iguaçu, IBGE, e revistas online para a elaboração de levantamentos de dados.

## CAPÍTULO 01. ORIGEM DO HOMEM E A GÊNESE DAS CIDADES

### 1.1. Origem do Homem

O surgimento do homem sobre a terra data-se há milhares de anos, entretanto, até hoje há muitas controvérsias. A História do homem é muito fragmentada e, somente a partir do século XIX, os cientistas começaram a estudar a origem do homem (após várias descobertas, de ossos humanos e restos de vasilhas fossilizadas). No entanto, esses estudos sobre o homem na Terra baseiam-se em hipóteses, vestígios deixadas no tempo e no espaço.

Uma das hipóteses aponta que a formação destas primeiras civilizações deu-se a partir de um único grupo em uma determinada região na África (Figura 1).

A formação destas primeiras civilizações ou grupos se deu a partir de um único grupo e foi a partir dessa região que fizeram sucessivas migrações chegando nas Américas.

Figura 1: Prováveis Rotas do Ser Humano



Fonte: Genera ([www.genera.com.br](http://www.genera.com.br))

Pesquisas feitas por paleontólogos e arqueólogos, apontam que há uma semelhança entre o homem e algumas espécies de macacos antropóides e o chimpanzé, ou seja, que poderia existir algum ancestral em comum, no entanto, essa mesma evolução teria dividido em duas espécies que passariam a evoluir independentemente. Um determinado grupo permaneceu nas florestas tropicais, e o

outro em ambientes mais abertos como as savanas africanas, dando origem ao *Homo sapiens*.

Qualquer fase evolutiva leva milhares de anos, portanto, a evolução do homem (Figura 2) não foi diferente. Segundo Arruda (1985, p.34), houve três fases evolutivas, sendo:

A primeira fase:

- *Australopithecoides*: após a separação das espécies que deram origem aos homínídeos e aos chimpanzés, teriam uma vida arborícola.
- *Sahelanthropus tchadensis*: pertence à espécie de primata, e o mais antigo ancestral da linhagem humana e possuía uma postura bípede.
- *Orrorin tugenensis*: possuía a postura bípede, teria vivido há 6 milhões de anos.
- *Ardipithecus ramidus* e *Ardipithecus Kadabba*: uma espécie do gênero *Ardipithecus*, foi ancestral do *australopithecus*.
- *Australopithecus*: possuía postura ereta e locomoção bípede, mandíbula mais semelhante à espécie humana, foram os primeiros homínídeos a dominar o fogo, expandiu seu território, passou a cozinhar seus alimentos.
- *Australopithecus africanus*: está subdividido em *A. afarensis*, *A. robustus*, *A. boisei*, todas as espécies foram extintas, no entanto, essas espécies teriam sido o ancestral do *Homo*.

A segunda fase:

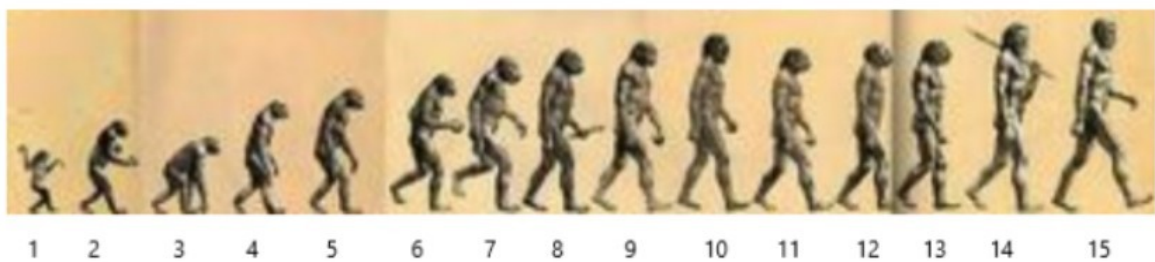
- Gênero *Homo*: destaca-se pelo desenvolvimento do sistema nervoso e a inteligência, apresentando ainda devido à evolução o bipedalismo.
- *Homo habilis*: segundo estudos, o mais aceito seria considerá-lo como um *Australopithecus habilis*.
- *Homo erectus*: esta espécie começa a se movimentar atingindo a Europa, Ásia e a Oceania, começa a fabricação de utensílios de pedra, de madeira, pele e osso.
- *Homo ergaster*: uma subespécie do *Homo erectus*, que deu origem a várias linhagens, entre elas o *Homo neanderthalensis*.
- *Homo neanderthalensis*: são chamados de neandertais, eram adaptados para o frio, ausência de queixo, testa baixa, pernas arqueadas e cérebro maior

do que os dos seres humanos atuais. Apresentavam comunicação verbal rudimentar, tinham uma organização social e sepultavam os mortos. Este grupo conviveu com os primeiros homens modernos.

Última fase da evolução do homem: atualmente, acredita-se que o homem moderno surgiu na África por volta de 200.000 anos atrás, a partir das linhagens de H. ergaster.

- Homem moderno: a denominação científica do homem moderno e o Homo sapiens sapiens, sendo a subespécie do Homo sapiens. Sua principal característica é o cérebro bem mais desenvolvido do que seus ancestrais, com a capacidade de raciocínio, comunicação e inteligência, e o desenvolvimento do sistema nervoso.

Figura 2: Evolução do Homem



Na versão muito simplificada da "Estrada para o Homo Sapiens", estão, da esquerda para a direita, (1) Pliopithecus, (2) Proconsul, (3) Dryopithecus, (4) Oreopithecus, (5) Ramapithecus, (6) Australopithecus, (7) Paranthropus, (8) Australopithecus avançado, (9) Homo erectus, (10) Primeiros Homo sapiens (Swanscombe, Steinheim e Montmaurin), (11) Homem Solo, (12) Homem da Rodésia, (13) Homem de Neandertal, (14) Cro-Magnon Man, (15) Homem moderno

Fonte: Paulopes ([www.paulopes.com.br](http://www.paulopes.com.br))

Isto posto, discorreremos na sequência sobre os primeiros abrigos e a gênese das primeiras aglomerações com características de cidade na antiguidade.

## 1.2. Os Primeiros Abrigos Humanos e a Revolução Neolítica

A Pré-História foi marcada pelo aparecimento do Homem, este homem pré-histórico, vivia em um ambiente hostil, isto é, um meio natural e retirava da natureza tudo aquilo que ela poderia proporcionar; neste ambiente hostil, o homem deste período era nômade.

A existência do homem na terra foi marcada por vários estágios evolutivos. Esta evolução está dividida em três etapas: Paleolítico (4.000.000 a.C. a 10.000

a.C.) Neolítico (10.000 a.C. a 5.000 a.C.) e Idade dos Metais (5.000 a.C. a 4.000 a.C.). Segundo Arruda (1985), “a divisão da Pré-história [...] baseia-se numa visão evolucionista do processo histórico [...]. O gênero humano passou por etapas sucessivas e necessárias na sua evolução”.

No período Paleolítico Inferior ou Idade da Pedra Lascada o homem não conhecia a agricultura nem a criação de animais, seu abrigo era as cavernas e para a sua sobrevivência diária, tudo era retirado da natureza. Nesta fase o homem era nômade, um fator decisivo na vida do homem do paleolítico foi a descoberta do fogo e a confecção rudimentar de ferramentas feitas de ossos, madeiras, pedras, e marfim.

Esse período é conhecido também por Idade da Pedra Lascada, devido seus instrumentos serem feitos de lasca de pedras e também afinavam seus instrumentos em blocos de pedras. Segundo Benévolo (2017, p.10) "compreende mais de 95% da aventura total do homem”.

O Paleolítico Superior é representado pelo homem cro-magnon. Neste período o homem continuava vivendo em caverna, nas paredes das cavernas começaram a desenhar as representações do seu cotidiano, juntamente, com os animais selvagens (conhecida como pinturas rupestres).

O homem ainda nômade necessita da natureza para sua sobrevivência, ainda coleta seus alimentos e prática a caça e pesca.

Já no período Neolítico, o homem começa a se sedentarizar, surgindo os primeiros agrupamentos da antiguidade. Começa a desenvolver a agricultura e a domesticação de animais, amplia-se a divisão de trabalho (mesmo que ainda rudimentar). No final deste período formam-se os primeiros aglomerados com características de cidades, para a proteção e sobrevivência destes aglomerados cercavam com fossos e palácicas e em áreas alagadas, as palafitas.

Neste período surge a cerâmica, que tanto servia para guardar os grãos da próxima colheita como para o uso do dia a dia. O surgimento da tecelagem com fios simples para a fabricação de roupas de linho e de lã, substituindo as peles.

A essa evolução os estudiosos chamam de comunidade primitiva, onde o solo era para todos devido à agricultura e a criação de animais, há uma mudança mesmo que pouco significativa da natureza que o cerca.

De todo o processo de aprendizado e transformação que passou o homem do neolítico, talvez o mais desafiador tenha sido a passagem do nomadismo para o sedentarismo.

Na Idade dos Metais, o homem substituiu o uso do osso, da madeira e da pedra na confecção de seus utensílios e passa a forjar utensílios de metais (Figura 3), aparecendo os primeiros ensaios de uma metalúrgica rudimentar. Este período está subdividido em Idade do Cobre, Idade do Bronze e Idade do Ferro.

Figura 3: A Pré-História do Homem



Fonte: Educa Denise (<https://educadenize.blogspot.com>)

Com a utilização dos metais o homem dá um novo salto evolutivo, com a metalurgia que pouco a pouco foi se espalhando pelo mundo, fabricaram novos utensílios para ajudar na agricultura, confecção de acessórios como joias, a invenção da roda.

Com o aumento do sedentarismo, ocasionou o aumento da população, dando origem aos primeiros aglomerados, marcando a gênese das futuras cidades.

### 1.2.1. O Surgimento dos primeiros Agrupamentos com Características Cidades

O homem sedentário agora é participante de uma nova classe que está se formando, a comunidade da aldeia, o homem agora tem um sentido de pertencimento ao lugar, o culto aos mortos e a necessidade de defender a comunidade de aldeões. Outro fator importante é que até este momento o homem pouco transformou a natureza que o cercava. Conforme Santos (2009, p. 95) “Antes, a sociedade se instalava sobre lugares naturais, pouco modificado pelo homem”. A partir dessa nova concepção de comunidade, a natureza começa a sofrer maiores mudanças, como o aumento das áreas para agricultura e a criação de animais e a própria construção da aldeia.

Segundo Benévolo (2012, p.16) “um fragmento da natureza transformado segundo um projeto humano”.

Neste sentido, é provável que qualquer lugar com condições apropriadas (uma fonte de água ou terras férteis para a agricultura) tenha sido adequado para a construção de uma aldeia.

Segundo Mumford (2008, p. 66) “talvez existissem aldeias, onde quer que houvesse possibilidade de rudimentar agricultura e criação de gado”.

É importante ressaltar que os primeiros elementos para a formação das cidades vieram das aldeias. É na aldeia que se estreitam os laços de amizade, moralidade, hábitos e costumes, e culto aos mortos que serão levados para a formação das cidades.

Uma das características importantes em que Mumford destaca no livro “A Origem da Cidade”, é que na concepção da formação da aldeia, a mulher tem um papel importante nesta nova economia, pois é ela que fabrica os primeiros cestos, os primeiros recipientes de argila, e ainda alimenta as crianças.

Outro ponto importante que o autor trata é que “a aldeia empresta a função para a formação da cidade, pois nas aldeias, já se estreitaram laços de vizinhança, hábitos e costumes que estavam intrínsecos na formação da aldeia” (Mumford, 2008, p.16).

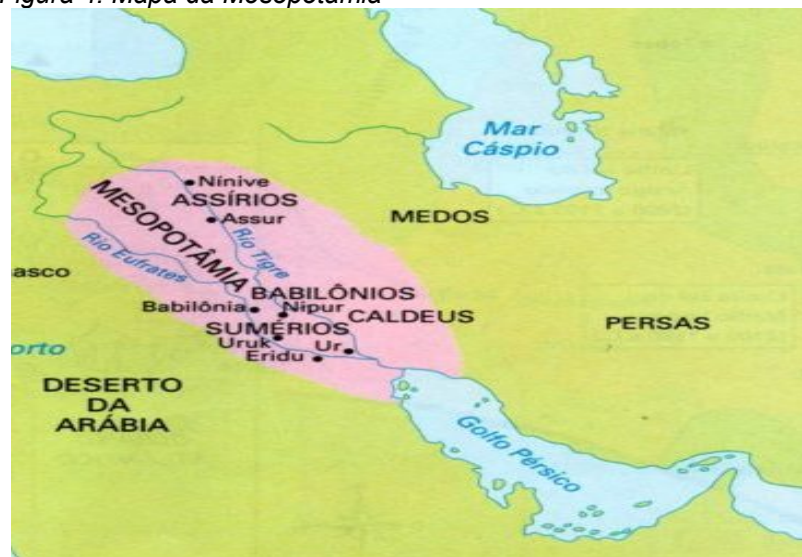
Com o crescimento das aldeias, há uma transformação na estrutura econômica, começam aparecer novas formas de produzir excedentes, toda a estrutura de aldeia vai se modificando e se ajustando para a formação e o

florescimento de uma nova cultura social. As aldeias foram se transformando gradativamente em cidades, isto é, aparecendo assim as primeiras civilizações urbanas.

As primeiras aglomerações com características urbanas estão localizados ao longo dos rios Tigre e Eufrates na Mesopotâmia, no rio Indo na Índia, no rio Yang-tsé Kiang e no rio Hoang-HO na China.

A Mesopotâmia foi uma das primeiras regiões a abrigar assentamentos humanos, por volta de 10.000 a.C.; as primeiras cidades a florescer foi devido à capacidade do homem de controlar as cheias dos rios e a utilização das técnicas, como a construção de barragens e canais para a irrigação; uma das primeiras cidades foi Eridu, no sul da Mesopotâmia, por volta de 5 400 a.C. (Figura 4).

Figura 4: Mapa da Mesopotâmia



Fonte: EscolaEducação ([www.escolaeducacao.com.br](http://www.escolaeducacao.com.br))

Kriwaczek (S.d, *apud* Munford, 2008), aponta que em Eridu e outras cidades vizinhas que foram surgindo se desenvolveu um Estado centralizado, uma hierarquia de classe, uma divisão de trabalho, uma religião organizada, como escrita, literatura, música e educação.

Esta região foi berço ainda de vários povos da Antiguidade, entre eles os Sumérios, Acádios, Amoritas, Assírios, Babilônicos.

Os sumérios criaram as primeiras cidades de Ur, Uruk, Eridu com padrão civilizacional; estas cidades são consideradas cidades Estados por possuírem

administração independente e desenvolveram a escrita cuneiforme para facilitação do comércio.

As cidades sumérias (Figura 5) eram rodeadas por muros e fossos com espaço aberto, natural e fechado. O espaço que compõe a cidade era dividido em propriedade entre os cidadãos. O campo ficava ao entorno dessas cidades, transformado em paisagem artificial, feito pelo homem, como canais de irrigação e pomares.

Na cidade havia distinção entre as casas e os templos, estes mais altos, e mais imponentes (já as casas, mais simples).

*Figura 5: Cidade de Ur, Suméria*



*Fonte: Revista online Quora (<https://pt.quora.com>)*

Os Acádios conquistaram os sumérios formando o Império Acádio, localizado na cidade de Acad. Ainda ampliaram algumas cidades, que se tornaria a capital do Império, e fundaram cidades residências, onde a estrutura dominante não era o templo, mas o palácio real.

Os Amoritas iniciaram a conquista da Mesopotâmia a partir da Babilônia, que era um dos centros urbanos mais importantes.

Os Assírios possuíam uma sociedade altamente militarizada, e seus domínios foram expandidos a partir da cidade de Assur; além disso, conheciam a metalurgia.

As cidades da antiguidade constituíam um centro de comércio, dando início à divisão de trabalho, à troca de mercadorias por concha e pedras preciosas e,

posteriormente, o aparecimento da moeda com o valor de troca. As cidades ainda serviam também como fortificação para conter os inimigos.

Os Caldeus, formaram o segundo Império da Babilônia. A Babilônia era constituída por doze cidades, cercada de muros, e seu poder político estava nas mãos do rei.

### 1.2.2. A Civilização Egípcia

O Egito foi berço de uma das civilizações mais antigas e desenvolvidas da Antiguidade. A história da civilização egípcia vem da concepção de dois reinos, o Baixo Egito e o Alto Egito em 3.500 a.C. Até a sua unificação por volta de 3.200 a.C., por Menés, a sua história continua atrelada às construções faraônicas de templos e cidades, no entanto, o seu declínio foi devido às sucessivas invasões estrangeiras que resultou na formação do atual território do Egito, cuja localização está na África.

A civilização egípcia nos deixou um legado enorme tanto na questão urbana, na construção e ordenamento de suas cidades, como na arquitetônica, com seus templos e pirâmides colossais; no entanto, para as referidas construções das cidades, houve dificuldade para a conclusão e elaboração de como eram feitas, neste sentido, foi possível recorrer à arqueologia para termos uma ideia da dimensão das cidades egípcias. Assim, discorreremos sobre as três cidades mais bem preservadas em sua estrutura urbana, Hotep-Sanurit e Akhetaton e Deir el-Medina.

As escavações realizadas por arqueólogos conseguiram identificar algumas cidades bem preservadas, isso se deu devido às suas casas serem construídas de tijolos, já os templos eram construídos de pedras, estes últimos se encontram até hoje, resistindo às grandes transformações em que passaram as cidades egípcias.

A cidade era orientada para o túmulo, cada faraó escolhia o lugar para o seu túmulo e o governo funcionava na cidade vizinha; depois da morte do faraó a cidade era abandonada, a menos que o próximo faraó decidisse continuar vivendo na cidade.

Na cidade de Hotep-Sanurit, construída pelo faraó Sesóstris II (1897 a.C.-1878 a.C.), a muralha cortava a cidade em duas, um lado dos ricos e o outro lado a

dos pobres; além disso, contava com uma avenida de nove metros que forma ângulos retos com várias ruas estreitas, as casas eram construídas de modo que a fachada principal ficasse virada para a rua. Os bairros eram elegantes com ruas largas que davam ao palácio e ao alojamento dos altos funcionários. Os egípcios não deixaram espaço na cidade para que as pessoas pudessem passear. Toda essa construção era ladeada por uma muralha de trezentos e cinquenta metros.

A cidade de Deir el-Medina (Figura 6) ou cidade dos operários (construtores de túmulo dos faraós), assim chamado Vale dos Reis, tinha cerca de 70 casas, cercada por muros, onde viviam com suas famílias.

*Figura 6: Cidade Egípcia Deir el-Medina*



Fonte: Institut Français d'Archéologie Orientale ([www.ifao.egnet.net](http://www.ifao.egnet.net))

A luxuosa cidade de Aketaton foi construída pelo faraó Akhenaton entre (1353 a.C.-1335 a.C.) a cidade foi construída de forma semicircular situada entre o rio Nilo e as montanhas, a cidade contava com uma via paralela ao rio que atravessava a cidade de um lado ao outro e cortava outras avenidas que conduziam ao cais, o palácio governamental, o templo os edifícios da administração e os armazéns formavam o bairro central. Nas ruas as casas modestas alternavam com os prédios mais luxuosos. Para as plantações de árvores e para o jardim tinha os espaços reservados, tanto nas propriedades como nos terrenos urbanos.

No entanto, a população de trabalhadores da necrópole ou das pedreiras viviam à parte desta cidade, cujas casas eram cercadas por muros.

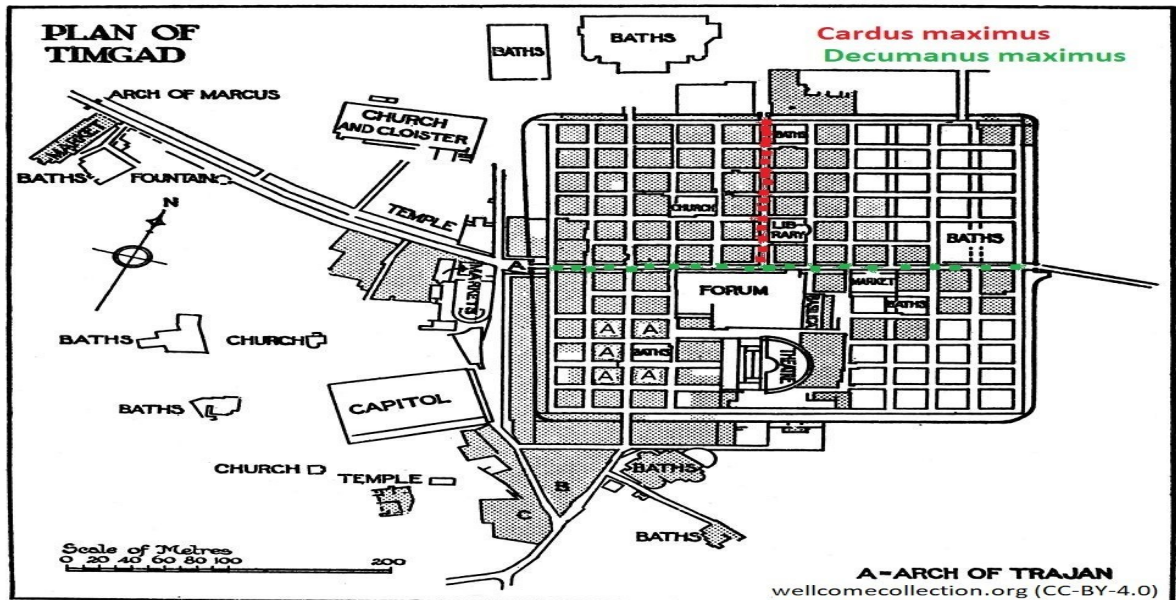
## **CAPÍTULO 02. O AMBIENTE NA EUROPA ANTES DAS GRANDES NAVEGAÇÕES E A PRÉ-HISTÓRIA DAS AMÉRICAS**

### **2.1. As Cidades Romanas**

O império romano teve a influência da arquitetura antiga dos gregos que utilizaram os estilos Jônicos, Dóricos e Coríntios.

As cidades romanas têm como características as formas bem definidas de dois eixos que estruturam toda a cidade, Decumanus maximus (na direção leste – oeste) e o Cardus maximus (na direção norte – sul) que definia seu sistema de ruas (Figura 7).

Figura 7: Traçado da Cidade Romana: cardius e decumanus



Fonte: Wellcomecollection.org

As cidades contavam com templos bem iluminados, teatros e anfiteatros. As obras públicas foram extraordinariamente bem planejadas, muitas de suas estradas ainda se encontram hoje em perfeita condição de uso.

As casas romanas eram chamadas de domus e eram simétricas, espaçosas, com separação de ambiente, e eram decoradas com afresco.

As obras mais famosas de Roma são o Coliseu, o Panteão, e os Arcos de Constantino, este feito em mármore e possui 21 metros de altura com 3 grandes arcos.

O Fórum Romano, onde ocorria a vida pública, cultural e a econômica, está localizado entre as colunas mais importantes da cidade. A Ponte de Gard com 49 metros de altura é considerada a mais antiga do mundo e possui três andares.

Os quarteirões de Roma eram residenciais, divididos em números de parcelas, não eram tão regular com as suas ruas.

O império romano se expandiu por toda Europa e parte da Ásia, predominou seu poderio militar com a expansão de seu império, aumentando seus territórios através das guerras e criando novas cidades.

Com o declínio do império romano, o Mediterrâneo passa a experimentar uma nova ordem: a civilização islâmica, os árabes, do século VII, invade as cidades,

e impõe o seu estilo de vida. Passaram a fundar novas cidades com o padrão de cultura muçulmana, como as mesquitas, as cidades compactas com muros.

Segundo Benevolo (2012, p. 251), “a vida das cidades diminui, em muitos casos se interrompe”.

Muitas cidades romanas (Figura 8) são abandonadas devido seu vasto território, outras são supridas com as novas ordens arquitetônicas.

Figura 8: Roma Antiga



Fonte: Cinquantenaire Museum, Calore Raddato (<https://estudoemcasaapoia.dge.mec.pt/>)

Com a queda do império romano do ocidente devido às invasões bárbaras, todo o resplandecer das cidades com sua arquitetura, os bairros, casas bem pavimentadas, ruas, aquedutos, casas de banho, banheiro nas casas, todo esse florescimento são apagados ou esquecidos. Deu-se início a chamada Idade das Trevas, como discutiremos na sequência.

## 2.2. O Lugar da Cidade na Idade Média

Devido a sucessivas invasões ao império romano, a população arrasada por cinco séculos de crise econômica vai se refugiar no campo (Figura 9).

Figura 9: Cidades e Aldeias Medievais



Fonte: <http://pipebloghistoria.blogspot.com>

Aldeia medieval: 1. Bosque. 2. Castelo do senhor. 3. Campos de cultivo. 4. Moinho do senhor. 5. Igreja. 6. Aldeia: casas e hortas. 7. Pedágio ou direito de trânsito.

Agora o campo está dividido em grandes propriedades, onde há residência do proprietário, a catedral, abadia e o castelo; a organização política nesta nova fase, a feudal, forma uma nova classe social, a dos reis e servos.

Segundo Benevolo (2017, p. 252),

“Nesta sociedade rural, que forma a base da organização política feudal, as cidades têm um lugar marginal: não funciona mais como centro administrativo em mínima parte como centro de produção de troca, mas as estruturas físicas das cidades romanas ainda estão de pé”.

No entanto, ainda persistem vestígios do que foram outrora as cidades romanas; em alguns casos os seus edifícios tornam-se fortaleza, ou vão se adaptando a uma nova realidade, vão surgindo ao longo dos tempos novos traçados urbanos, sem se preocupar com os traçados antigos, não segue mais nenhuma regra arquitetônica utilizada antes, a maior necessidade agora era a sobrevivência e a segurança.

A partir do século X d.C. há um novo renascimento econômico, há um novo impulso populacional devido às novas técnicas da agricultura e a volta do comércio.

As cidades medievais eram cercadas por muralhas para a proteção. Surgem os primeiros subúrbios na Alta Idade Média, devido à falta de espaço na cidade. A população que não trabalhava no campo vai para as cidades desenvolver o seu ofício, como artesãos e os mercadores, formando mais tarde a burguesia, a cada nova extensão do subúrbio há uma nova fortificação.

A economia das cidades-estado medievais dependem do campo. Porém, a partir do século XIV a administração destas cidades passa para as famílias aristocráticas, devido à crise econômica existente.

Novas cidades são fundadas neste período, as cidades-estados entram na efervescência das artes, e novos traçados urbanos surgem (Figura 10), assim como novas construções, como as cidades de Veneza e Florença.

*Figura 10: Cidade Ideal do Período Renascentista*



Fonte: Friuli Venezia Giulia (<https://www.tripadvisor.com.br>)

O renascimento tem como representante a Itália, e com o florescimento das artes e cultura nos moldes greco-romano, dá-se início ao fortalecimento do comércio e das cidades e um novo processo de urbanização e a conquistas do novo território além-mar. Neste processo de expansão territorial os europeus realizaram a

colonização e ao longo do período de ocupação e exploração, com as vilas já estabelecidas, o processo de urbanização.

Mas para isso acontecer deveriam dominar os incivilizados, organizar mão de obra especializada para esse novo processo (isso demoraria a acontecer devido à imensidão dessa nova terra).

Segundo Benevolo (2017, p. 469) “no renascimento tem início a expansão mundial da civilização europeia [...] e a construção dos territórios além-mar”.

Com a queda de Constantinopla abre-se caminho para o oceano Atlântico e o início da expansão marítima.

As cidades portuárias de Portugal e Espanha vão contribuir para novas rotas marítimas e novos descobrimentos. Com a descoberta desta nova rota, por Portugal e Espanha, dá-se um novo salto na era evolutiva do homem, a colonização europeia do Novo Mundo.

Antes, porém, faremos algumas considerações sobre a pré-história do homem na América.

### **2.3. A Pré-História Do Homem na “América Portuguesa” (período Pré-Cabralino)**

Consideramos, aqui, a pré-história, como o período antes da chegada dos Europeus no continente americano. A chegada do homem na América é a etapa final da dispersão do *Homo sapiens*; quando chegaram ao Continente americano, os humanos já se encontravam dispersos pelo mundo.

Os primeiros hominídeos da América teriam entrado pelo estreito de Bering e se espalhado pelo continente.

Segundo Beltrão (1987 *apud* Funari; Noelly, 2002, p.28),

“escavaram no sítio Toca da Esperança, no município de Central, da Bahia, [...] um conjunto de três grutas, onde encontram fogueira, artefatos ósseos [...], e com datação muito antiga assim como vestígio de animais extintos há milênios. A Toca teria ocupada entre 12 milhões e 130 mil A.P., com indicação de que os seus habitantes usavam roupas e alimentavam-se de cavalos e de tutano.”

De acordo com Funari; Noelly (2002, p.28),

“O naturalista Von Martius, que em visita ao interior do Brasil entre 1817 e 1820, com o intuito de levantar dados sobre a flora e a fauna; difundiu a Teoria do de generacionismo, neste ensaio ele descreve como se deve escrever a História do Brasil, ele utilizou as ideias dos Círculos Europeus para explicar as diferenças entre animais das Américas em relação com o velho mundo, ele acreditava que essa degeneração levaria aos povos indígenas a ser extintos”.

Aponta Martius (*S d. apud* Funari; Noelly, 2002, p.32),

“que a população indígena que ocuparam as Américas eram originalmente desenvolvidas tendo como modelo astecas, os maias e os incas, em virtude das suas arquiteturas monumentais das densas populações e da agricultura em larga escala. Ao descerem das terras temperadas dos Altiplanos andinos, os incas teriam ingressados nas áreas de floresta tropical, consideradas ambientes desfavoráveis para a humanidade, passando a sofrer um contínuo processo de degeneração das suas capacidades morais, de desintegração da sua cultura material e de sua organização social [...] o clima cálido e único das florestas induzia as pessoas a terem uma vida social desordenada [...] que resultou em uma contínua formação de novos povos, cada vez mais degenerado e com as suas línguas cada vez mais diferente. Isso explicaria a imensa disposição geográfica dos falantes de várias línguas, o exemplo dos povos tupis e jês.”

Esta concepção do generalismo teve aceite dos brasileiros até 1970, inclusive, sendo utilizada pelo órgão governamental, como, por exemplo a Funai. Em Minas Gerais, na Região Sudeste do Brasil, foi localizado na Lagoa Santa um crânio humano, este é considerado o mais antigo da América segundo a datação de carbono 14 e o teste de DNA; este crânio é de uma espécie fêmea e foi apelidada de Luzia<sup>1</sup>, de 11 mil anos (Figura 11).

---

1 Luzia crânio encontrado na Lagoa Santa Brasil, estava em exposição no Museu Nacional do Rio de Janeiro (ocorreu um incêndio este crânio foi preservado)

Figura 11: Fóssil de Luzia



Fonte: Museu Nacional do Rio de Janeiro (<https://www.museunacional.ufrj.br/>)

Diferentes estudos ainda apontam que a inserção do homem na América do Sul, entre eles, o paleoíndio (12 a 5 mil A.P.<sup>2</sup>), mostra uma diferença em relação aos grupos de mongoloides, e apresentam uma semelhança com a população da África e da Oceania.

No Brasil um dos mais importantes sítios pré-históricos está no Piauí Brasil; neste sítio os pesquisadores encontraram instrumentos feitos de pedra, pintura rupestre e resto de fogueira.

No Amazonas, na caverna da Pedra Pintada, os pesquisadores encontraram vestígios de fogueira, cerâmica, pintura rupestre e ponta de lança de pedra.

É importante ressaltar que esse homem viveu nesta parte da América e aqui modificou o ambiente em que se encontrava, deixando suas pegadas.

Mas como era a vida dos homens pré-históricos da América? Segundo os pesquisadores este homem vivia da pesca e da coleta de frutos, usavam lanças de madeiras e habitavam em regiões litorâneas, usavam o fogo para cozinhar seus alimentos, habitavam em cavernas para se proteger dos animais ferozes.

Tinham uma divisão rudimentar de trabalho, entre homens e mulheres e praticavam rituais funerários.

---

<sup>2</sup> Sigla, A. P. Antes do Presente.

Os Paleoíndios<sup>3</sup> Brasileiros viveram na região sul e sudeste do Brasil, entre 6.000 a.C. e 400 a.C.,

Segundo Funari; Noelli, (2002, p.92),

“Alguns estudos têm proposto que a ocupação humana do litoral brasileiro deu-se num processo de crescente aumento das hierarquias e da geração de excedentes. Assim o sistema de subsistência fundado nos recursos marinhos favoreceu a sedentarização, o crescimento populacional e permitiu, com a geração de excedente a mobilização da população para a realização de grandes obras com a construção de sambaquis.”

Os sambaquis, em tupi, significa “amontoado de conchas”; este povo viveu na pré-história e habitava as regiões litorânea do Brasil entre 7 a 8 mil anos atrás, viviam da coleta de recursos naturais e da agricultura, onde a prática era queimar o solo e esgotar os recursos e depois mudavam para outra localidade.

Eles tinham como costumes fazer grandes depósitos de conchas de moluscos, ossos de pássaros e de peixes e de mamíferos e outros materiais orgânicos. Ainda enterravam seus mortos e acendiam fogueiras nos sambaquis.

Os sambaqueiros viveram no litoral do Brasil, no Peru, no Chile, na Cordilheiras dos Andes, e nos Estados Unidos. Os mais antigos foram datados há 5.500 anos e tem aproximadamente 20 metros de altura e 100 metros de diâmetro.

Segundo Sousa (2023) “...eram pessoas baixa estatura e dentes desgastados e viviam em colônia nômades de cem habitantes no máximo”.

Os autores Funari; Noelli em seu livro a “Pré-história do Brasil”, descrevem o relato feito por um padre jesuíta Antônio Ruiz de Montoya em 1628, sobre as construções das casas. O padre descreveu que as casas eram semi subterrâneas, tinham telhados semelhantes aos fornos, semi esférico feito de tijolos e barro, o padre não descreveu a estrutura do telhado, este tipo de casa foi encontrado na região de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul no Brasil.

A parte de baixo da casa fica abaixo da superfície do solo, e na superfície fica o telhado, essas habitações atingiam até 22 metros de largura com 1,5 até 8 metros de profundidade, necessitando de uma escada para chegar na superfície (Figura 12).

---

<sup>3</sup> Paleoíndios, são antepassados dos indígenas da época do descobrimento e influenciaram as futuras culturas indígenas que se desenvolveram na região (Funari; Noelli, 2002).

Figura 12: Casa subterrânea pré-colonial



Fonte: Revista Xapuri (<https://xapuri.info/>)

Os assentamentos possuíam 10 habitações, contava com os dançadores, que eram um local cercado com mureta de terra, onde eram realizadas cerimônias diversas, e os montículos onde se enterravam os mortos.

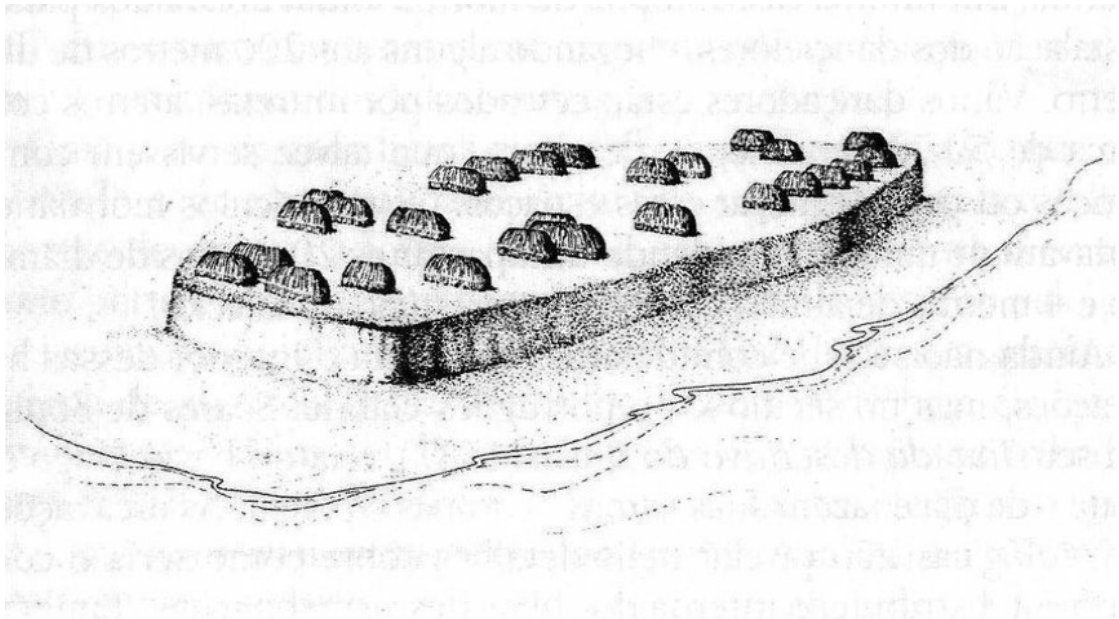
Segundo Funari; Noelli, (2002, p.95) “em muitos casos topo dos morros foram planados para instalação dos dançadores, chegando alguns a 200 metros de diâmetros.”

A partir de pesquisas arqueológicas feitas na Ilha de Marajó-Brasil<sup>4</sup>, tem-se o conhecimento dos Tesos (Figura 13) ou aterros, murundus e cerritos, sendo obras humanas em áreas alagadas; para a realização desta obra havia a necessidade da retirada de materiais, e de transportar esses sedimentos, para área que iria ser construído os Terços.

---

<sup>4</sup> Os Terso dos Bichos, ilha de Marajo podem alcançar 255 metros de comprimento por 30 metros de largura e 10 metros de altura e foram construídos cerca de 1400 e 400 A.P.

Figura 13: Tesos dos Bichos, Ilha de Marajó



Fonte: Furnari; Noelli (2002)

Acredita-se que esse trabalho era feito através da divisão de trabalho centralizado e organizado, com uma hierarquia social, no entanto, os povos indígenas situados no Brasil não possuíam distinção social e nem divisão política. Os Tesos eram utilizados de acordo com o regime intermitente, ou seja, era ocupado ao longo do ano. Os aterros e os cerritos tinham sua ocupação sazonalmente, isto é, de acordo com uma época do ano.

No Pantanal,<sup>5</sup> as construções foram a partir das elevações naturais e sobre as planícies de inundação, introduzindo plantas alimentícias, drogas vegetais e matérias-primas, formando verdadeiras ilhas de recursos.

No litoral Atlântico, entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, existem milhares de cerritos que foram construídos a partir de 5 mil anos A.P.

Segundo Furnari; Noelli (2002, p.98),

“Ao redor dos complexos lacunares do Litoral Atlântico e algumas áreas da região da Campanha entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai [...] tudo indica que os ocupantes não praticavam a agricultura da mesma maneira que no Pantanal, mas informações conhecidas até o presente revelam que seus construtores cultivavam matas de palmeiras, principalmente de butiá.”

<sup>5</sup> Atual Estado do Mato Grosso Brasil.

A maior expressão artística da pré-história está na representação da pintura rupestre, a pintura representa o modo de vida e as ações individuais ou coletivas, cena de caça e pesca com uso de arco e flecha com barcos ou até grupos de mãos dadas.

Estes povos não possuíam escritas, muitos dos petróglifos foram encontrados perto de fontes de água.

#### **2.4. Pré-História na “América Espanhola” (período pré-colombiano)**

No período da última glaciação, ondas sucessivas de migrações chegaram a América cerca de 10.000 a.C. Essas migrações vieram do Oceano Pacífico ou pelo Oceano Atlântico, e isto explicaria a significativa diversidade etnográfica entre os povos ameríndios. Devido ao isolamento territorial, muitos desses povos mantiveram em estágio cultural primitivo.

A partir de 5.000 a.C. e 4.000 a.C. em algumas áreas do México e da América Central e dos Andes central e setentrional, começou o processo de neolitização, semelhante ao velho mundo.

Segundo Lehmann (1979, p.16),

“Entre a mais antigas manifestações do homem na América é preciso citar as pontas encontradas nas cercanias da aldeia de Folsom no Novo México. São laminas delgadas e apontadas tendo geralmente nas duas faces o desbastamento de uma lasca longitudinal a partir da base”.

Esse processo de neolitização, caracterizou-se por diversos estágios, com a sedentarização, a colheita de plantas, e a criação de alguns animais como a lhama ou Alpaca; e o aparecimento da cerâmica, em algumas áreas.

Na área Andina (Equador ao centro do Chile, incluindo Peru e Bolívia), essa evolução se deu de forma mais lenta, devido ao isolamento entre os vales, entre o litoral e a cordilheira.

Em Huaca Prieta, no Peru, estudos apontaram para uma sucessão de povos que ali se estabeleceram; as descobertas revelam que o povo não conhecia a cerâmica, suas habitações eram encostadas em grandes blocos de pedra, eram semi-

subterrânea, sua alimentação era de peixe e de molusco e a coleta de plantas selvagens, como cabeceiro, feijão, pimentão, lucuma (fruto), (os alimentos eram cozidos). A tecelagem primitiva era confeccionada com casca de árvore batida.

Segundo Lehmann (1979. p.19),

“Para todo esse trabalho empregavam os raspadores e faca de sílex obtidos por percussão, pesos de redes perfurados com agulha de ossos. Neste tempo mais afastados dessa civilização, os mortos eram enterrados em simples fossas; mais tarde construíram túmulos curvos utilizando blocos de pedra rolados”.

O desenvolvimento da agricultura e urbano constituíram o ponto de partida para o florescimento da civilização que permaneceria até a conquista dos europeus.

A Espanha procura novas rotas marítimas, e nesta empreitada atinge o Caribe, depois o Panamá pelo Pacífico; no entanto, em 1492, Cristóvão Colombo efetua a descoberta da América. Há um novo capítulo na história da América espanhola, bem diferente do que ocorreu com a América portuguesa; os espanhóis encontraram povos com culturas diferentes bem avançadas, com a existência de sociedade, sistema agrário, uma religião e cidades bem estruturadas; estão os povos Incas, maias e os astecas entre outros povos que compõem as civilizações pré-colombianas.

Segundo Lehmann (1979. p.19),

“Entre os primeiros habitantes da América [...] as grandes civilizações pré-colombianas sucederam-se inúmeras gerações. Milhares de anos de estabelecimento no lugar foram necessários para criar um terreno propício ao desenvolvimento dos diferentes estilos, cujos vestígios ainda hoje admiramos.

Esta civilização está localizada no novo México na América Central, nas Antilhas e no Interior do sistema Andino da América do Sul; Colômbia, Peru, Bolívia, parte da Argentina e norte do Chile.

Os Astecas ou Mexicas se estabeleceram na América e teve seu ápice nos anos de 1324 e 1521, foram os construtores de Tenochtitlán (Figura 14); sua construção iniciou-se mais ou menos 200 anos antes da conquista espanhola.

Figura 14: Cidade Asteca de Tenochtitlán



Fonte: Museu Nacional de Antropologia, Cidade de México

Em 1500, Tenochtitlán, já cobria 15 km<sup>2</sup>, essa cidade possuía templo-pirâmide, canais, represa e aquedutos de pedra com 5 metros de extensão. As cidades competiam entre si, para a construção dos melhores templos. As suas casas eram construídas de vários níveis e os bairros eram divididos pelo poder social, as regiões eram ligadas por estradas retas, possuíam canais navegáveis em forma de labirinto que ligava um ponto a outro da cidade.

Segundo Lehmann (1979. p.19),

“na cidade asteca abrigava 200 mil habitantes, entre eles sacerdotes, guerreiros, comerciantes, operários, carregadores e servos, viviam em uma cidade 5 vezes mais populosa, que Londres de Henrique VIII [...] os espanhóis compararam a Veneza, pois a cidade era cortada por dois canais.”

A cidade de Tenochtitlán, foi acometida por uma inundação nos anos de 1517, quando os espanhóis chegaram. Em 1519, a cidade já tinha sido reconstruída, no entanto, os espanhóis dominaram a cidade e construíram os edifícios no modelo

espanhol em cima dos templos astecas, no entanto, não mexeram no arruamento. Apesar desse esplendor todo, os astecas não conheciam a roda, portanto tudo que não poderia ir nos barcos iriam às costas dos astecas.

As cidades incas (Figura 15), cobriam quase 985 mil quilômetros e ia da Cordilheira dos Andes, ao sul da Colômbia a parte do Chile e da Argentina, englobando o Equador, Peru, Bolívia.

*Figura 15: Ruína Incas, Choquequirao*



Fonte: Elisabet De Marco (<https://blogdescalada.com>)

As suas estradas possuíam 16 metros de largura, contavam ainda com canais de drenagem em locais pantanosos, uma rede viária bem construída, tinha mais de 25 mil quilômetros de estradas reais, não tinham o conhecimento da roda, o ferro e a tração animal, nem tinham um sistema de escrita.

Criaram o fluxo de informação governamental, isto é, os mensageiros que se reversavam pelas estradas e passavam as mensagens, essas mensagens viajavam até 25 quilômetros em um único dia.

O império se estendia por áreas que hoje pertencem a países como Peru, Colômbia, Bolívia, Equador, Argentina e Chile.

O conhecimento em arquitetura permitiu a construção de diversas edificações grandes e resistentes, como casas, aquedutos, palácios e fortes, utilizando formas retangulares em vez das circulares. A principal cidade, Machu Picchu, tinha casas,

praças, templos, cemitérios e aquedutos, tudo construído em pedras, que era considerada sagrada para o povo inca e era próxima de Cusco, a antiga capital do Império Inca.

As cidades maias, chamadas de Gregos do Novo Mundo, contava com o conhecimento de matemática, contavam o tempo, possuía sofisticado sistema de escrita em forma de hierógrafos e possuíam um calendário solar, arquitetura; suas principais cidades foram Chichen Itzá, Copán Tikal, Palenque (Figura 16) e Xunantunich; os maias não tinham o conhecimento da roda. As pirâmides escalonadas, feitas com pedras de calcário, eram coladas com argamassa feita de calcário, as pirâmides serviam como base dos templos religiosos.

Quando os espanhóis aportaram na América os maias já estavam em processo de decadência.

*Figura 16: Ruína Maia Palenque*



Fonte: Tato Grasso (<https://pt.wikipedia.org/>)

A organização da civilização foi feita a partir da necessidade de proteção, portanto, a construção social do homem vem desde os tempos primitivos, primeiro com um aglomerado de pequenos indivíduos, esses aglomerados se tornando vilas e, por

fim, cidades. Estas cidades constituídas por um poder local e político com infraestrutura e planejamento urbano, e divisão social.

No entanto, há sempre uma exceção, há povos que não constituíram cidades, viveram em aldeias, mas nem por isso deixaram de ter seus processos de organização social em quanto ao grupo em que pertenciam.

## **CAPÍTULO 03. O URBANISMO COLONIAL E O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO**

### **3.1. Aspectos do Urbanismo das cidades Coloniais Espanholas e Portuguesas na América**

Ao chegarem nas novas terras, os portugueses liderados por Cabral achavam que tinham chegado à Índia. Descobrimo o engano, adotou o nome de índios aos habitantes aqui encontrados.

Já se passaram cinco séculos desde que as caravelas aportaram no novo mundo. Foi o início às sucessivas ondas de invasão europeia que ocuparam as terras e provocaram a extinção de muitos povos indígenas, seja por doenças ou pela extinção desses grupos.

Depois do período de descobrimento, Portugal e Espanha dividiram as áreas de exploração; pelo tratado de Tordesilhas, assinado em 1494, que delimitava o Novo Mundo, o oeste pertenceria à Espanha, e o leste pertenceria a Portugal.

A colonização do Brasil deu-se de maneira lenta, com sucessivos ciclos de exploração e inúmeras invasões.

Começa assim a exploração das novas terras descobertas. A partir de 1534, Portugal iniciou as primeiras tentativas de ocupação pelo processo de capitãrias hereditárias, no entanto, não deu certo, poucas foram as capitãrias que se desenvolveram.

Ressaltando os registros pesquisados dessa época (dão pouca informação), fica evidenciado que o início da colonização foi muito difícil. As casas eram choças muito parecidas com as ocas dos índios. Porém, algumas regiões eram marcadas pela transitoriedade, ou seja, não fixava moradia.

Os primeiros assentamentos foram construídos com intuito de se defender dos inimigos. As primeiras casas, devido à precariedade dos materiais para as construções, tinham as paredes feitas de barro, com telhado de palha. A arquitetura das construções imitavam as construções militares e religiosas, seguindo o traçado urbano português da época.

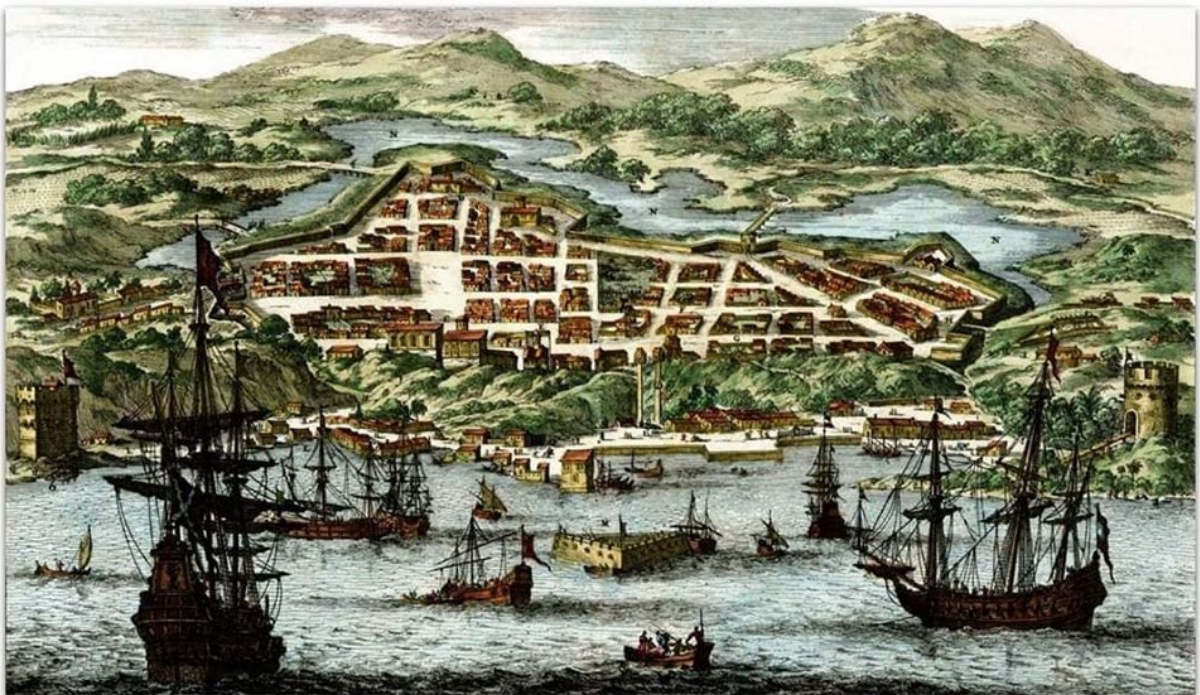
Segundo Hue (1999, p.15)

“mas só com o desenvolvimento das atividades agrícolas e comerciais no Nordeste, e logo após com a descoberta do ouro em Minas Gerais e que tímidos casarios dos primeiros povoados vão se engrossando, se organizando em vila para logo após florescer como cidade.”

Assim, nascem as primeiras vilas, depois estas vilas vão se tornar as cidades. As construções das casas e toda arquitetura colonial e o urbanismo tiveram a influência, tanto Espanhola quanto Portuguesa, que se desenvolveu entre os anos de 1580 e 1640, construindo assim o urbanismo colonial.

No urbanismo colonial, os traçados das cidades coloniais brasileiras tinham como maior preocupação a da proteção (Figura 17).

Figura 17: Fundação da Cidade de Salvador



Fonte: JuarezRibeiroA (<https://juarezribeiroa.blogspot.com>)

Tirapeli (2018), nos leva a contemplar em seu livro o “Urbanismo Colonial das Américas Espanhola e Portuguesa” que devemos ter um olhar diversificado para o urbanismo brasileiro. O autor apresenta três observações.

A primeira seria um olhar geográfico, pelas condições do terreno e pelo uso do solo; o segundo com uma visão mais econômica e mercantil; terceiro perceptivo, pois é o encontro de culturas diferentes em seus aspectos civilizatórios.

O autor ainda discorre que a religião ainda ganha espaço considerável nas teorias sobre modelos urbanos, já que em toda a América houve a predominância da construção religiosa como mosteiros e Igrejas.

Os modelos de urbanização tanto espanhola quanto a portuguesa nos traçados urbanos, a influência se deu devido à união entre Portugal e Espanha em um único Reino.

Porém, é necessário ressaltar ainda que os dois reinos passaram pelo mundo Medieval e pelo Renascimento, onde grandes estilos artísticos, arquitetônicos e urbanísticos marcaram a época.

O traçado urbanístico se fez presente na colônia; para a implantação do sistema de urbanização das cidades coloniais, houve a predominância desses dois estilos, o português e o espanhol.

O traçado português com o modelo medieval, esteve presente nas suas colônias, sendo assim, as ruas foram adaptadas aos desníveis do terreno, reafirmando o pensamento medieval, as cidades litorâneas geralmente eram cercadas por construções militares e a presença de muralhas, bem ao estilo medieval. Tanto os reinos de Portugal como da Espanha estavam preocupados com a defesa das suas cidades, no entanto, o projeto renascentista europeu, de embelezamento das cidades, não teria importância neste momento, a preocupação era de proteção.

Portugal não possuía Leis para a construção de suas cidades, portanto, não possuía uma organização da malha urbana, as ruas e as travessas diferiam, não havendo um número definido, como há no padrão espanhol, e as casas eram voltadas para a rua.

O modelo Português se dividiu em dois tipos: a vernácula, apresenta grande relação com o território, isto é, segue a forma do relevo, onde a cidade vai ser construída, tendo em vista a preocupação de defesa. Neste sentido, escolhe-se minuciosamente o local da sua fundação, geralmente no alto de uma colina. Segundo traçado é a forma ortogonal: esse possui uma forma mais rústica. Estes dois estilos consolidou a urbanização do período colonial brasileiro.

Tendo sempre esta visão medieval, de proteção da cidade, Olinda, em 1537, foi fundada sobre uma colina e as suas ruas foram se adaptando aos desníveis do terreno, reafirmando o pensamento da época.

Segundo Tirapeli (2018. p.40) “somou-se a morfologia urbana vernacular ou orgânica, da implementação das primeiras vilas nos acidentes geográficos aliados à função de posse das terras e atividades econômicas extrativistas”.

Tirapeli (2018), também analisou a região de Minas gerais, as cidades de Ouro Preto e Diamantina. Ouro Preto está localizada no interior da colônia, e cortada por dois córregos, a cidade de Ouro Preto, foi chamada de Vila Rica; originou-se pelo processo de agregação de diversos arraiais, entre eles o paulista, os emboabas e garimpo de ouro, entre o século XVII e o início de século XVIII. Foi construída por artistas e escravos, inspirados nos modelos europeus, criando assim um modelo diferenciado. A criação da Escola de Minas em 1876, foi palco da Inconfidência Mineira e berço de artistas barrocos, como Antônio Francisco Lisboa o Aleijadinho, e o pintor Manoel da Costa Athaíde.

De acordo com o IPHAN<sup>6</sup> “a partir de meado do século XVIII, em substituição às técnicas de pau a pique e abobe, as construções passaram a ser de pedra e cal, expressão da riqueza propiciada pela exploração do ouro e do trabalho escravo”.

Este período foi marcado por grandes transformações no espaço urbano.

Segundo Tirapeli (2018, p.86),

“Neste traçado urbano informal interligado por inúmeras pontes e ladeiras de forte inclinação, dividiam o casario, feito de pau a pique e na praça Tiradentes as construções se consolidaram, no alto do morro onde os palácios dos Governadores e o edifício da Câmara e cadeia [...] dominavam a cidade”.

A cidade de Diamantina, deu-se com a exploração de ouro e depois de diamantes. Segundo Tirapeli (2018. p. 91),

“o seu traçado urbano e desenvolvido em terreno acentuado declive, a formação da cidade e a junção de 3 arraiais, o Tijucu, na saída para Minas Novas, o outro Arraial de Baixo, que sai para a vila do príncipe e o Arraia de cima, com caminho estreito para o sertão Baiano na área central, na grande praça quase quadrangular, era o local de reunião dos tropeiros”.

Segundo Tirapeli (2018. p. 90),

“Dentro dessa trama urbana, um rico acervo arquitetônico se acomoda uniformemente, dando aspecto de uma escola regional singular” com ruas lar-

---

<sup>6</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

gas, muito limpas [...] quase todas em rampas. As igrejas se destacam localizada em pequenos patamares. Diferentemente das cidades do ciclo do ouro, que crescem grandes cenários barrocos para seu tempo, em Diamantina eles se acomodam no arruamento chegando mesmo a se confundir com a construção civil. Assim, sobressai essa conformação específica no quadro urbanístico setecentista mineiro, fugindo da configuração de cidade alongada pelos caminhos. Em Diamantina tem-se um traçado quase reticular que se aproxima ao de Mariana e lembra o modelo de urbanização adotado na América espanhola”.

Os traçados espanhóis eram constituídos por quadriculados e um traçado ortogonal, em forma de tabuleiro de xadrez, conhecido como damero; a construção das cidades deveria ser em um local não muito alto, bem ventilado e as áreas seriam abertas para o mar, com larguras idênticas das ruas, com cruzamentos em ângulos retos, tamanho de praças e contava com 12 ruas e a localização das ruas, as dimensões das quadras eram iguais. Ao redor do povoado era adaptado uma reserva de terra para as futuras extensões do traçado urbano. Seguindo As Leyes de Índias<sup>7</sup>, porém as Leis das Índias, não foram muito utilizadas nos domínios espanhóis nas Américas.

Segundo Tirapeli (2018, p.37),

“os reis de Portugal e Espanha [...] tendo os reis que defendê-la, ordená-la e embelezá-la [...] assim os edifícios administrativos como os Palácios de governo estavam competindo visualmente com as catedrais e Igrejas das ordens religiosas nos espaços públicos”.

A atividade urbanística durante os séculos XV e XVI consistia, em grande parte, em alterações no interior das velhas cidades que, geralmente, modificam muito pouco a estrutura geral.

A urbanização colonial teve como objetivo organizar e controlar e facilitar a exploração econômica da colônia. As cidades coloniais foram desenvolvidas e se expandiram de acordo com a necessidade, e devido ao crescimento populacional, e cujas atividades comerciais e administrativas também iam se expandindo. A urbanização colonial contribuiu para a segregação espacial.

---

<sup>7</sup> As Leyes de Índia é a legislação promulgada pelos monarcas espanhóis para regulamentar a vida civil, política e econômica dos territórios americanos e Asiático pertencente ao Império espanhol. Usei a tradução lê-se Leis das Índias.

### 3.2. O processo de Urbanização no Brasil (1500 – 1930)

A urbanização do Brasil, se comparada com a urbanização europeia, evidencia que foi tardia e bastante rápida.

Na Europa foram séculos de construção de povoados, depois vilas e cidades urbanizadas.

A urbanização brasileira teve seu início a partir da sua colonização e com a concentração das atividades econômicas e depois com a concentração da população nas áreas urbanas.

Segundo Santos (1993, p. 18) no livro “Urbanização Brasileira”, em urbanização pretérita, ele recorre ao autor Nestor Goullart Reis (1968), que fez uma brilhante divisão temporal, das fases da ocupação do território. Dividindo o território em três fases:

“primeiro seria entre 1530 e 1570 (...) cujo ponto de maior intensidade estaria compreendido entre os anos de 1530 a 1540. Entre a fundação do Rio de Janeiro em 1567 e a Filipéia da Paraíba em 1585. O segundo período fica entre 1589 e 1640, anos da dominação espanhola, no entanto, entre 1610 e 1620 faz-se a fundação de nove vilas, com existência de uma urbanização, na costa norte em direção á Amazonas. Um terceiro momento entre 1650 e 1720 foram fundadas trinta e cinco vilas, elevando duas delas a categoria de cidade: Olinda e São Paulo. No fim do Período, a rede urbana contava com um conjunto de sessenta e três vilas e oito cidades”.

Segundo Reis (1968 *apud* Santos, 1993, p.18), “os centros urbanos apresentavam então uma vida que pode ser caracterizada como intermitente. Cessado o movimento decorrente do fluxo de senhores de terras, tinha uma aparência de abandono e desolação”.

A partir do século XVIII, a urbanização começa a dar indício, mais robusto, com o deslocamento da população da elite rural para as cidades. Segundo Bastide (1978 *apud* Santos, 1993. p.8) “a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda de cana”.

Com o crescimento econômico das cidades, que a princípio se tratavam apenas de aglomerados, ocorre o crescimento populacional, as cidades passaram a ter visibilidade e importância para o país, conseqüentemente atraindo cada vez mais

contingente populacional. A partir do século XIX, as cidades começam a se “modernizar”.

Segundo Bastide (1978 *apud* Santos, 1993, p.19),

“A primeira revolução, a da urbana, inicia-se no século XVIII, mas só atinge sua plena expansão no século XIX. [...] A segunda revolução foi a técnica. Em 1815, surge na Baía a primeira máquina a vapor em 1834, já são encontradas 64. O antigo engenho de água ou de tração animal desaparece[...] a máquina a vapor não modifica subitamente a estrutura da sociedade que continua fundada na família patriarcal, nem o modo de produção que é sempre a escravidão[...]uma reviravolta considerável[...] a partir de 1872 a passagem do engenho para a usina[...] o maquinismo, mais custoso, mais científico[...]consentia a primazia ao capital financeiro sobre o capital representado pelas terras”.

No final do período colonial as cidades de São Luiz do Maranhão, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, somadas tinham 5,7% da população total do país. A partir do final do período colonial a urbanização vai se mostrando mais evolutiva, em 1872, três cidades já tinha mais de 100.000 habitantes, entre elas Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

No entanto, foi a partir de do século XIX, que a urbanização deu uma aceleração, passando de 5,9% para 9,4% da população vivendo em cidades. Com o passar de 15 anos a população brasileira sobe para 14,3 milhões.<sup>8</sup>

Alguns lugares do território brasileiro tinham mais relação com o mundo exterior do que dentro de seu país. As cidades eram pouco conectadas entre si, não possuía um polo dinâmico, somente a partir do século XIX, com a produção de café em São Paulo, que este fluxo interconectado vai ocorrer, mas ainda de modo embrionário. Somente com a criação das estradas de ferro, melhoria dos portos, meios de comunicação, que se vai dando melhor fluidez ao território brasileiro. No entanto, este processo de fluidez, que ocorre, não chega a toda parte do país, o que acaba diferenciando um Estado do outro.

Neste contexto de fluidez e conectividade que a industrialização brasileira aparece e se desenvolve, criando um processo complexo, tanto na formação de um mercado nacional, como um processo social, primeiro a integração e a fluidez de um

---

<sup>8</sup> Os dados só censo de 1920 e anteriores não são, a rigor, comparáveis, aos de 1940 a 1960. Somente a partir de 1940 se começou a separar a população as cidades e vilas(quadro, urbano e suburbano) da rural do mesmo município (Santos, 1993, p.22).

território integrado que encontra o próprio processo, já existente, da urbanização. A industrialização já encontra cidades formadas e estabelecidas (Santos, 1993).

Lefebvre (2009), em seu livro “Direito à cidade”, explicita brilhantemente que a industrialização é um processo do capitalismo.

Com o surgimento da presença de objetos técnicos e da ciência no processo de transformação do espaço, além de um intenso fluxo de informação, o meio técnico – científico, é o momento da ciência, da técnica e da informação, que se manifesta para a estruturação e reestruturação do espaço reorganizando os territórios de maneira desigual (Santos, 1993). Segundo Santos (1993, p. 38),

“as remodelações que se impõem, tanto no meio rural quanto no meio urbano,[...] Em consequência aparecem mudanças importantes, de um lado, na composição técnica do território pelos aportes maciços de investimentos em infraestrutura, de outro lado, na composição orgânica do território, graças à cibernética, as biotecnologias, as novas químicas, à informática e à eletrônica. Isso se dá de forma paralela a cientificação do trabalho”.

Deste modo, o espaço se torna fluido, permitindo que todo o processo de produção, mercadoria, capital e informação, tenha uma fluidez crescente, podendo alcançar diversos lugares por mais distantes que estejam.

### **3.3. Urbanização Corporativa (pós II Guerra Mundial)**

No período atual as grandes corporações hegemônicas mudam a lógica do espaço, cada vez mais. Todo o arranjo espacial das cidades acaba mudando de acordo com os interesses das grandes corporações, seja no aspecto social quanto no processo administrativo ou mesmo político, criando um domínio sobre o território. Em relação à concorrência com outras empresas as corporações tornam-se cada vez mais poderosas, subjugando outras empresas concorrentes, assim as cidades vão se definindo segundo as lógicas das grandes corporações.

Segundo Santos (1993, p.106),

“Ao mesmo tempo em que aumenta seu poder de mercado, aumenta também seu poder propriamente político, a ser exercido na participação da tomada de decisões que concernem aos seus próprios interesses e, desse

modo, interferindo com interesses de outros setores da economia e da sociedade.”

Neste contexto, as grandes corporações exercem um papel significativo na organização e transformação do espaço urbano, influenciando diretamente na construção de infraestrutura, na criação de emprego, na expansão de áreas comerciais. A urbanização corporativa se observa em grandes projetos imobiliários como centros comerciais e condomínios empresariais, no intuito de atrair investimento, promovendo a especulação imobiliária.

Gerando ainda os impactos negativos, como a exclusão social, a própria especulação imobiliária, a degradação ambiental e a desigualdades sociais.

### **3.4. O Surgimento e a Urbanização de Foz do Iguaçu**

A formação do território do município de Foz do Iguaçu remete à época da ocupação portuguesa no século XVII, relacionada com as questões de fronteira, porque a região pertencia a Espanha, onde tinha as reduções jesuíticas, essa região era denominada de Guaíra.

Em 1629 os portugueses tinham como objetivo capturar os indígenas para trabalho escravo nas capitanias de São Vicente; esses ataques eram feitos pelos bandeirantes, sem o apoio dos espanhóis, que viram suas reduções. Sendo destruídos pelos portugueses no período de quatro anos entre 1620 a 1632, muitos desses indígenas atravessaram o rio Iguaçu, com destino ao território paraguaio e fundaram a comunidade Vila Real.

No entanto, com o tratado de Madri redefiniu-se a fronteira entre Portugal e Espanha; de acordo com o tratado foi a troca das colônias de sacramento em posse de Portugal, pela sete povos das missões em posse da Espanha. Delimitando, assim, os domínios espanhóis e portugueses, determinando que o atual oeste paranaense passava para os domínios portugueses e a fronteira natural seria o rio Paraná.

Na chamada conquista dos campos Guarapuava, várias expedições vieram para esta região, no entanto, não conseguiram se fixar devido ataque dos índios Kaingang<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Os kaingang, ocuparam, historicamente, um vasto território, mais ou menos correspondendo à extensão maior das florestas de pinhais, seria as regiões do Paraná, Santa Catarina e o sul sudoeste

A principal economia nos primeiros períodos foi o sistema de obrages<sup>10</sup> para a exploração da erva-mate e de madeira dominado pelos argentinos.

Segundo Silva; Lisboa; Gimenez (2022, p.370),

“No período obrageiro que pode ser delimitado de 1881 a 1930 desenvolveram-se devido a uma acordo de navegação assinado pelo governo imperial brasileiro com a Argentina e com o Paraguai, facilitando o escoamento de madeira e erva-mate pela bacia do Rio Prata”.

A Guerra do Paraguai, conhecida também como a guerra da Tríplice Aliança, (1865 a 1870), teve como principal objetivo as questões econômicas e territoriais. O Paraguai reivindicou os territórios brasileiros do Mato Grosso e do Rio Grande do Sul.

A política expansionista de Solano Lopes tinha como objetivo transformar o Paraguai em uma potência regional, por outro lado, o Brasil queria a livre navegação tendo uma maior fluidez para atingir as províncias do Centro-Oeste, Mato Grosso e Goiás.

Segundo Salles (2024) o “Império Brasileiro nasceu com a pretensão de estende seus domínios até as margens do Rio do Prata. Derrotado nesta intenção”.

Ao saírem da guerra, o Brasil define as fronteiras, na disputa pelos territórios ao norte do rio Apa, hoje parte do Estado do Mato Grosso do Sul, a Argentina, ficou com a Província de Misiones e todos os territórios ao Sul do Rio Pilcomayo, hoje Província de Formosa.

Com o fim da Guerra do Paraguai, e sobre administração militar do Império do Brasil que tinha como objetivo intensificar e proteger as fronteiras da nação, através do povoamento da região, percebeu-se a importância estratégica da região, e que não poderia ficar desocupada e nem desprotegida.

Segundo Freitag (2007, p.193),

“...Francisco Campos, reconhecido ideológico da carta Estadonovista, ao idealizar a chamada Lei de Fronteira [...] estabeleceu a extensão de 150 km para a faixa limítrofe. Portanto era necessário povoar a área da fronteira,[...] Em 1888 o militar José Maria de Brito foi encarregado de ligar as localida-

---

paulista e o planalto rio-grandense e parte de Misiones na Argentina.

10 Segundo Gregory, Obrages seriam empresas que exploravam produtos nativos, a erva-mate, por meio do Latifúndio extrativista.

des de Guarapuava a extensão oriental do território paranaense e a fundação da colônia Militar [...] tinha como objetivo delimitar as fronteiras”.

Em 22 de novembro de 1889, o Tenente Antônio Batista da Costa Júnior e o Sargento José Maria de Brito fundaram a Colônia Militar, que tinha como a principal responsabilidade distribuir terrenos aos colonos interessados.

Apesar da grande dificuldade em relação ao transporte e à comunicação, a Colônia Militar do Iguaçu facilitou a fixação de brasileiros na região, o que gerou um pequeno desenvolvimento do comércio com as propriedades. No decreto federal 4662 de 1902, consta que as colônias deveriam ter uma zona urbana, esta deveria ser sede da colônia, uma zona suburbana seria destinada à produção agrícola e uma zona pastoril, para a criação de gado.

Segundo Silva; Lisboa; Gimenez (2022, p.373)

“Em 1913 e 1914, em pleno auge das obrages, ocorreu o fim da Colônia Militar e a fundação de Foz do Iguaçu. Em 29 de janeiro de 1913, através do decreto 10 024, a Colônia Militar de Foz do Iguaçu foi emancipada e passou o regime civil. Em 1914, através da lei 1383, o governo do estado do Paraná decretou que ficava elevada à categoria de município o distrito judiciário com o nome de Iguassú, a ex-colônia militar. De acordo com o texto da lei, a área do novo município era a seguinte: a partir de Foz do Iguaçu, pelo rio Paraná até o encontro com o rio Piquiri. A partir desse ponto, seguia por toda a extensão do rio Piquiri até a sua cabeceira e, desse ponto, por uma reta até a cabeceira do rio Trombetas. Seguia por toda a extensão do rio Trombetas até o rio Iguaçu e, finalmente, pelo rio Iguaçu até seu encontro com o rio Paraná. Assim entre a fundação da cidade em 1914 e o Decreto Estadual 300 de 1930 que determinou o fim das obrages, a Tríplice Fronteira não era mais uma colônia militar e também não possuía as características das localidades mais economicamente dinâmicas do restante do oeste do Paraná, influenciadas pelas obrages.”

No início do século XX, a população de Foz do Iguaçu possuía aproximadamente 2.000 pessoas, constituindo-se um pequeno vilarejo que dispunha de uma hospedaria, quatro mercearias, um rústico quartel militar, mesa de rendas e estação telegráfica, engenhos de açúcar e cachaça, e uma agricultura de subsistência.

O município passou a denominar-se “Foz do Iguaçu” em 1918, com a posse do primeiro prefeito, Jorge Schimmelpfeng, e da primeira Câmara de Vereadores.

De acordo com os levantamentos históricos para a realização dos Estudos de Impactos Ambientais (2011, p. 30) realizado em Foz do Iguaçu para a implantação de novas infraestruturas.

“Ainda no início do século XX, por volta de 1916 começa a história do Parque Nacional a partir da passagem por Foz do Iguaçu de Alberto Santos Dumont. O aviador sabendo que a área pertencia ao uruguaio Jesus Val, intercedeu junto ao Presidente do Estado do Paraná, Affonso Alves de Camargo, para que fosse desapropriada e tornada patrimônio público. A investida do respeitado cidadão surtiu efeito, sendo declarada de utilidade pública no ainda em 1916”.

A criação do do Parque Nacional do Iguaçu ocorreria em 1939.

Portanto, Foz do Iguaçu, como cidade, esta inserida na Tríplice Fronteira, composta Argentina, Brasil e Paraguai com laços sociais, culturais e comerciais.

Segundo Silva; Lisboa; Gimenez (2018, p.150),

“As fronteiras podem ser entendidas como linhas que marcam limites entre um território e outro, ou então como regiões mais amplas, que compreendem o território contíguo onde se localizam tais limites territoriais. A ideia de fronteira e limite, na visão do geógrafo Jacques Ancel.<sup>11</sup>[...] a fronteira em sentido ampliado à noção de limite, detentora de inúmeras possibilidades de interações sociais e Estatais, locais e globais, em fluxo permanente. Assim, considera-se importante a caracterização da fronteira como região internacional, noção que pode ser valiosa para ações internas aos Estados e para se pensar e fazer política internacional.”

Outro marco importante da urbanização foi no final da década de 1960, com a inauguração da Ponte Internacional da Amizade que liga Brasil e o Paraguai, em 1969 a inauguração BR-277, conhecida como a Grande Estrada, que ligava Foz do Iguaçu à Curitiba e ao litoral.

Foz do Iguaçu intensificou seu comércio, principalmente com a cidade paraguaia de Puerto Presidente Stroessner, hoje a atual Ciudad del Este. A cidade de Foz do Iguaçu, passou por um aumento do processo de urbanização com a implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que mudou significativamente a paisagem urbana, um empreendimento bilateral entre países, Brasil e o Paraguai.

Foz do Iguaçu nos anos de 1970, contava com uma população de 30 mil habitantes, no entanto, isso mudaria com o anúncio da construção da Hidrelétrica, a reestruturação da malha urbana sofreu um impacto grande, devido a vinda de imigrantes. A partir de 1975 a 1979 houve a criação das vilas para abrigar os trabalhadores e suas famílias que migravam de todas as regiões do país para o oeste do Paraná afim de trabalhar na obra.

De acordo com o boletim informativo da Itaipu Binacional (2014),

---

11 Geografo Frances,(1882-1943)

“Na década de 1970/80, período da implantação da usina de Itaipu, a população cresceu em torno de 300%, passando de 34 mil para 136 mil habitantes, [...] essas pessoas precisavam de infraestrutura: moradia, saneamento, educação, saúde, alimentação”.

Em relação às infraestruturas urbanas, foi necessária a construção das vilas de casas, que ainda hoje faz parte da paisagem de Foz do Iguaçu, como, por exemplo, as Vilas A, Vila B e Vila C que foram construídas de forma segregada.

Segundo Rammé; Pina (2010. p.2) a “implementação das Vilas operárias no Brasil faz parte dos impactos gerados pelas atividades industrial a qual promoveu alterações importantes na paisagem urbana e na forma de habitar de milhares de pessoas”.

As mesmas infraestruturas criadas no processo de construção das vilas do lado brasileiro também foram realizadas do lado paraguaio.

### 3.5. Foz do Iguaçu: Aspectos Atuais

A cidade de Foz do Iguaçu está localizada no extremo oeste do Estado do Paraná, seu território é de 609,19 km<sup>2</sup> e faz parte da Tríplice Fronte entre o Brasil Argentina e Paraguai. Conta com aproximadamente 285.415 mil habitantes, possui importante complexo turístico (Figura 18) e potencial Hidrelétrico.

Figura 18: Cataratas de Foz do Iguaçu, Parque das Aves, Marco das 3 Fronteiras, Foz do Iguaçu, PR



Fonte: Escolhaviaajar.com

Sua renda per capita foi de R\$ 73.534,49 (2021), o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal, o IDHM é de 0,751 (2010), a cidade apresenta ainda área urbanizada de 85,23 km<sup>2</sup>, e cobertura do esgotamento sanitário de aproximadamente 86,9 km<sup>2</sup> (IBGE, 2024).

De acordo com os dados do Censo - 2022 a população de Foz do Iguaçu é de 285.415 pessoas, sua densidade demográfica é de 468,51 habitantes por km<sup>2</sup> (IBGE (2022).

Na educação, a taxa de escolaridade de 6 até 14 anos é de 96,4%, (IBGE, 2010). Possui um IDBE, anos iniciais do ensino fundamental da Rede pública de 6,7 e IDEB anos finais da (Rede pública) e de 5,5 (IBGE 2021).

Na área econômica, o percentual das receitas oriundas de fonte externas foi de 57,8% (IBGE 2015), o total da receita realizada foi de R\$ 1.031.540,53 [x 1000] (2017).

O índice de mortalidade Infantil foi de 14,18 óbitos por mil nascidos vivos, (IBGE, 2022)

Além disso, o município possui área urbanizada de 85,23 km<sup>2</sup> (IBGE, 2019). O esgotamento sanitário adequado é de 75,31% e as áreas arborizadas de vias públicas é de 86,9%, a urbanização de vias pública, foi de 30%, população em risco de vida foi 2.999 pessoas (IBGE, 2010),

Ainda abriga um grande complexo hoteleiro, e possui uma vida noturna com bares e restaurantes.

A cidade abriga uma das sete maravilhas naturais do mundo, e tem como atração principal as Cataratas do Iguaçu, Parque Nacional, Parque das Aves, Templo Budista, Mesquitas e o Marco das três Fronteiras.

No lado Paraguaio, o forte em relação aos turistas que vem para o Brasil é a compra de eletroeletrônicos. Do Argentino pela Ponte Tancredo Neves, além das feirinhas, existem os bares e restaurantes e casino.

Do lado brasileiro, O parque Nacional do Iguaçu é administrado pelo Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, que terceiriza parte das atividades.

O Ecomuseu, o Marco das Três Fronteiras, a Mesquita e o Templo Budista é uma visita à parte no complexo turístico de Foz do Iguaçu.

O Ecomuseu, é onde esta em exposição os achados indígenas durante a construção da Hidrelétrica, assim como a história da região, entre outras. No Parque das Aves, indo em direção das Cataratas do Iguaçu, do Aeroporto Internacional de Foz do Iguaçu, há mais de 800 espécies de aves, além do borboletário.

O Marco das Três Fronteiras delimita os três países, Argentina Brasil e Paraguai.

O turismo religioso se volta a visitação das Mesquitas; em Foz do Iguaçu encontra-se a segunda maior mesquita da América Latina, no seu interior tem arabescos ornamentando o seu interior e ainda tem as figuras geocêntricas.

O templo Budista está mais afastado da área central da cidade, em uma região alta. O local conta com aproximadamente 120 estatuas localizadas nos seus jardins, e possui uma arquitetura oriental.

Por último, as Cataratas do Iguaçu estão localizadas no Parque Nacional do Iguaçu. São formadas pelas quedas do rio Iguaçu, que em tupi-guarani significa água grande. É formada por 275 quedas, cuja formação é de pedras basálticas e possuem 2,7 quilômetros de extensão, as quedas apresentam altura que varia de 60 a 82 metros, sendo o maior desnível observado na Garganta do Diabo.

Apresenta ainda uma grande biodiversidade, tanto do lado argentino quanto do lado brasileiro.

“Em 2019, o destino turístico Foz do Iguaçu bateu recordes de visitação nas Cataratas do Iguaçu, de turistas [...]. O ano seguinte deveria ter seguido a mesma tendência, não fosse a fatídica pandemia mundial que literalmente quebrou a economia da cidade. As medidas restritivas e barreiras sanitárias impostas para conter a contaminação do Coronavírus em março de 2020, impactaram brusca e severamente a economia de Foz do Iguaçu, tanto o setor comercial quanto o turístico. A perda em números de visitantes no ano de 2020 foi de 1,4 milhão em relação a 2019, representando 45,3% a menos. A renda perdida foi de R\$1,3 BI representando 50,9%. De acordo com estimativas, essa desaceleração econômica afetou a demanda turística, a ocupação hoteleira, o gasto do turista e o trabalho de aproximadamente 44 mil pessoas”. Revista Fuente (2023).

No entanto, o setor turístico é uma importante atividade socioeconômica, que movimenta Foz do Iguaçu e região, no entanto, apesar da COVID-19 ter diminuído o

turismo na região afetando a empregabilidade e na renda da população e na arrecadação do Município.

Atualmente, o setor turístico e o setor privado fazem investimentos visando diminuir os impactos negativos no setor, iniciando um processo desafiador para a retomada do turismo na região.

“O turismo em Foz do Iguaçu inicia 2024 em ascensão, evidenciando uma recuperação consistente. Dados revelam que, em janeiro, os principais atrativos da região testemunharam um aumento notável no número de visitantes em comparação ao mesmo período do ano anterior. O destaque vai para o [Parque Nacional do Iguaçu](#), lar das majestosas Cataratas. No primeiro mês de 2024, 214.868 visitantes exploraram suas maravilhas naturais, representando um aumento de 2,4%. Comparado a 2019, ano de pico de visitação, o parque recuperou impressionantes 90% do fluxo de turistas. Os brasileiros lideraram, constituindo 69% dos visitantes, com forte representação de estados como Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. O charmoso Marco das 3 Fronteiras também experimentou um crescimento significativo, recebendo 60.395 visitantes, um aumento de 6% em relação a janeiro do ano anterior. A maioria dos visitantes continua sendo brasileiros (92%), provenientes principalmente de Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Visitantes de 78 países estrangeiros contribuíram para a diversidade cultural, com destaque para Chile, Paraguai e Argentina. O Complexo Turístico da Itaipu não ficou para trás, registrando 59.931 ingressos em janeiro de 2024. A Itaipu Panorâmica foi a preferida, proporcionando aos turistas uma vista privilegiada da imponente usina, além de outras atrações como o Refúgio Biológico Bela Vista e a Itaipu Iluminada”. (Jornal online 100 Fronteiras, 2023).

No entanto, apesar de investimentos no setor turístico, e com o crescimento rápido da cidade, Foz do Iguaçu, carece pela falta de infraestruturas de fluxos, o que dificulta para os turistas conhecerem o comércio local, dispondo somente dos passeios ofertados pelas redes hoteleiras.

Outro ponto importante é a rede de comunicações, é imperativo para os turistas que aqui tenha uma rede de internet que possibilite o acesso em todas as partes da cidade, não menos importante, a implementação de locais principalmente em alta temporada que possa dar assistência a esse turista sendo quiosque, ou locais delimitados pela agência de turismo, que preste esse serviço e seja divulgado para população de Foz do Iguaçu.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tratou da origem das cidades, dos seus traçados e do processo de urbanização. Buscando resgatar as primeiras formações de aglomerados, vilas e cidades evidenciando seus traçados urbanos.

Indicando que mesmo uma civilização diferenciada dos padrões europeus, no caso os incas maias e astecas, houve o processo de construção de cidades.

A evolução humana está intrinsecamente ligada à evolução das cidades e do seu planejamento, uma vez que as cidades são grandes áreas urbanas, onde as pessoas vivem e interagem diariamente, esse processo facilita a compreensão da evolução do próprio homem.

Observamos que ao longo dos séculos a humanidade evoluiu em diversas áreas, como tecnologia. A Revolução Industrial permitiu o avanço científico. O desenvolvimento da internet e das redes de comunicação permitiu uma maior comunicação e maior fluidez no espaço. Portanto, faz-se necessária uma maior compreensão nos processos históricos.

Um estudo mais elaborado para elucidar o processo da evolução das cidades e da sua urbanização está diretamente relacionada à migração da sociedade rural para áreas urbanas, em busca de melhores condições de vida e trabalho e lazer.

A medida que a urbanização avança, as cidades crescem, expandindo em número populacional, tamanho e infraestruturas, contudo, também acabam competindo umas com as outras transformando-se em “cidades corporativas”.

No processo de urbanização, a cidade de Foz do Iguaçu foi impulsionada pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, que atraiu milhares de trabalhadores e suas famílias, acarretando aumento das infraestruturas da cidade. Além de sua localização ser próxima às fronteiras do Paraguai e Argentina que impulsiona o comércio internacional e o turismo na cidade.

Atualmente, Foz do Iguaçu é uma cidade média e possui um dos maiores PIB's da região Sul do Brasil, contudo, vale destacar que a cidade ainda possui muitas desigualdades e enormes desafios no campo social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SENGE. **A fundação de Salvador e como o seu Traçado Inicial Determinou a Ocupação do seu Termo no Primeiro Século**. 2022: Disponível em: < <https://sengeba.org.br/a-fundacao-de-salvador-e-como-o-seu-tracado-inicial-determinou-a-ocupacao-do-seu-termo-no-primeiro-seculo/>> Acesso em: 15 de mar. 2024.

ARRUDA, José Jobson de A. **História Antiga e Medieval**. 8.ed. São Paulo: Ática, 1985.

AZEVEDO, Laura. **A História da Urbanização Brasileira**. 2019. Disponível em: <<https://www.google.com/search?q=VILLA%C3%87A%2C+FI%C3%A1vio.+Uma+contribui%C3%A7%C3%A3o+para+a+hist%C3%B3ria+do+planejamento+urbano+no+Brasil&oq=VILLA%C3%87A%2C+FI%C3%A1vio.+Uma+contribui%C3%A7%C3%A3o+para+a+hist%C3%B3ria+do+planejamento>> Acesso em: 03 de mar. 2024.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade: suas origens, transformações e perspectivas** 5.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. **História da Cidade: suas origens, transformações e perspectivas**. 6.ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2017.

DINIZ, Clélio Campolina; CROCCO, Marco (Org.). **Economia Regional e Urbana: contribuições teóricas recentes**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2006. Disponível em: < <https://antigo.mdr.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/publicacoes/Economia-Regional-e-Urbana.pdf>>. Acesso em: 25 de mar. 2024.

ESTEVES, Bernardo. **Admirável Novo Mundo: Uma história da ocupação nas Américas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FREITAG, Liliane da Costa. **Impressões de um dirigente: relatos e relatórios da Colônia Militar de Foz do Iguaçu nos anos de 1897-1897**. Revista de História Regional. n. 2, v. 12, p, 191-224, 2007. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/1528169/liliane-da-costa-freitag>> Acesso em: 10 de maio. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo; Noelli, Francisco Silva. **Pré-História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2022.

HUE, Jorge de Souza. **Uma Visão da Arquitetura Colonial no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. AGIR, 1999.

ITAIPU BINACIONAL. **40 Anos**: Itaipu transforma Foz em um dos maiores municípios do Paraná. 2014. Disponível em: <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/40-anos-itaipu-transforma-foz-em-um-dos-maiores-municipios-do-parana#:~:text=Na%20d%C3%A9cada%20de%201970%2F80,%2C%20sa%C3%Bade%2C%20alimenta%C3%A7>> Acesso em: 15 de mar. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1999. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955721/mod\\_resource/content/1/Cap.2\\_CampoCego\\_RevolucaoUrbana\\_lefebvre.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4955721/mod_resource/content/1/Cap.2_CampoCego_RevolucaoUrbana_lefebvre.pdf)>. Acesso em: 02 de abr. 2024.

\_\_\_\_\_. **Direito das Cidades**. São Paulo: Ed. Centauro, 2009. Disponível em: [https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre\\_Henri\\_O\\_direito\\_a\\_cidade.pdf](https://monoskop.org/images/f/fc/Lefebvre_Henri_O_direito_a_cidade.pdf)>. Acesso em 02 de abr, 2024.

LEHMANN, Henri. **As Civilizações Pré-Colombianas**. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1979.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. 5. ed. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2008.

PROGAIÁ. Engenharia e Meio Ambiente. **Estudo de Impacto Ambiental-EIA**: acesso à segunda Ponte Internacional entre Brasil (Foz de Iguaçu) e Paraguai (Presidente Franco). 2013. Disponível em: <[http://licenciamento.ibama.gov.br/Ponte/Ponte%20sobre%20o%20rio%20Parana%20-%20Foz%20do%20Iguacu%20e%20Presidente%20Franco%20\(Brasil%20-%20Paraguai\)/](http://licenciamento.ibama.gov.br/Ponte/Ponte%20sobre%20o%20rio%20Parana%20-%20Foz%20do%20Iguacu%20e%20Presidente%20Franco%20(Brasil%20-%20Paraguai)/)> Acesso em: 15 de mar. 2024.

RAMMÉ, Juliana; PINA, Sílvia A. Mikani G. **As Vilas de Itaipu**: padrão morfológico e evolução urbana. Revista de Morfologia Urbana. n. 2, v. 7, p. 115, dez. 2019. Disponível em: < <https://revistademorfologiaurbana.org/index.php/rmu/article/view/115>> Acesso em: 10 de maio, 2024.

RHODEN, Luiz Fernando. **As Fronteiras Sulina do Brasil na Primeira Metade só Século XIX e seus Traçados Urbanos**. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/ppgau/article/view/1440>> Acesso em: 15 de mar. 2024.

REVISTA FUENTE. **O Impacto do Turismo de Foz do Iguaçu (PR)**: sob a perspectiva da gestão participativa e integrada. 2023. Disponível em: < <https://fuente.com.br/o-impacto-do-turismo-na-economia-de-foz-do-iguacu/>> Acesso em: 15 de mar. 2024.

SALES, José Candeias. **Viver na Cidade**. Revista da Associação de Amizade de Portugal-Egito. Lisboa: Hapi, n. 1, nov, 2013. Disponível em: < [https://www.academia.edu/29524797/\\_Viver\\_na\\_Cidade\\_in\\_Hapi\\_Revista\\_da\\_Associa%C3%A7%C3%A3o\\_Cultural\\_de\\_Amizade\\_Portugal\\_Egito\\_no\\_1\\_Lisboa\\_Associa%C3%A7%C3%A3o\\_Cultural\\_de\\_Amizade\\_Portugal\\_Egito\\_Novembro\\_2013\\_pp\\_57\\_85\\_ISSN\\_2181\\_0991](https://www.academia.edu/29524797/_Viver_na_Cidade_in_Hapi_Revista_da_Associa%C3%A7%C3%A3o_Cultural_de_Amizade_Portugal_Egito_no_1_Lisboa_Associa%C3%A7%C3%A3o_Cultural_de_Amizade_Portugal_Egito_Novembro_2013_pp_57_85_ISSN_2181_0991)>. Acesso em: 25 de mar. 2024.

SALLES, Ricardo. **A Guerra do Paraguai**. BNDigital Brasil. Disponível em: < <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai/> > Acesso em: 10 de maio de 2024.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: HUCITEC, 1993.  
SOUSA, Rainer Gonçalves. **Sambaqui**. História do Mundo. 2023. Disponível em:< <https://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/sambaqui.htm>> Acesso em: 10 de maio, 2024.

SILVA, Micael Alvino; LISBOA, Marcelino Teixeira; GIMENEZ, Heloísa Marques. **Extremo Oeste**: A historiografia regional, o Oeste e a (Tríplice) Fronteira internacional do Paraná. Rev. Hist. Reg. v. 1, n. 27, p. 360-386. 2022. Disponível em:<<https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/19908> > Acesso em: 15 de mar. 2024.

TIRAPELI, Percival. **Urbanismo Colonial das Américas Espanhola e Portuguesa**. 2018. Disponível em:< <https://acervodigital.unesp.br/handle/unesp/381350> > Acesso em: 15 de mar. 2024.

100 FRONTEIRAS. **Foz do Iguaçu celebra crescimento do turismo neste início de 2024**. Disponível em:<[https://100fronteiras.com/turismo/noticias/foz-do-iguacu-celebra-crescimento-do-turismo-neste-inicio-de-2024/#google\\_vignette](https://100fronteiras.com/turismo/noticias/foz-do-iguacu-celebra-crescimento-do-turismo-neste-inicio-de-2024/#google_vignette)> Acesso em: 15 de mar. 2022